



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

WILSON LUCAS BRASILEIRO PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA
VETERINÁRIA DE FELINOS E O CONCEITO DO MANEJO AMIGÁVEL FELINO (CAT
FRIENDLY)**

ARACAJU - SE

2025

WILSON LUCAS BRASILEIRO PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA
VETERINÁRIA DE FELINOS E O CONCEITO DO MANEJO AMIGÁVEL FELINO (CAT
FRIENDLY)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Sergipe para
obtenção de grau de Bacharelado em Medicina
Veterinária pelo curso Medicina Veterinária.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Jamile Prado dos
Santos

Supervisora: Med. Vet. Thais Freire Lima

ARACAJU - SE

2025

WILSON LUCAS BRASILEIRO PEREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA
VETERINÁRIA DE FELINOS E O CONCEITO DO MANEJO AMIGÁVEL FELINO (CAT
FRIENDLY)**

Aprovado em 10 / 09 / 2025



Documento assinado digitalmente

JAMILE PRADO DOS SANTOS

Data: 12/09/2025 14:24:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Jamile Prado dos Santos (Orientadora)

DMV - UFS



Documento assinado digitalmente

BARBRA GABRIELA OLIVEIRA DE FARIA

Data: 11/09/2025 08:30:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Barbra Gabriela Oliveira de Faria

DMV - UFS



Documento assinado digitalmente

YVENS SANTOS NASCIMENTO

Data: 11/09/2025 12:20:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

M. V. Yvens Santos Nascimento

Membro Externo

ARACAJU - SE

2025

IDENTIFICAÇÃO

ALUNO: Wilson Lucas Brasileiro Pereira

Nº de matrícula: 201600045600

ANO/SEMESTRE: 2025.1

LOCAL DE ESTÁGIO:

1. Clínica Veterinária Unipet.

Endereço: Avenida Francisco Porto, nº 870, em Aracaju, Sergipe, 49020-570 Tel.: (79) 3085-5260.

Supervisor: M.V. Thais Freire Lima

Carga horária: 464 horas

ORIENTADORA: Profª. Drª. Jamile Prado dos Santos

Dedico este trabalho à minha rainha, vó Ana Luzia (in memoriam), obrigado por sempre ter acreditado em mim e ao meu padrinho Janary Melo Sobral (in memoriam), que me acolheu e sempre me inspirou a evoluir, gostaria de ter compartilhado este último momento da jornada com vocês.

Aos meus pais, Wilson e Mércia, que acreditaram em mim. À minha parceira, Bruna, por todo o suporte. Aos meus gatos, Tobias, Lua, Pitu e aos saudosos Nico e Koda, por serem minhas inspirações.

Lista de figuras:

Figura 1 - População de animais de estimação no Brasil - ABINPET. _____	11
Figura 2 - Frente da Clínica Veterinária Unipet - Acervo pessoal. _____	13
Figura 3 - Recepção da clínica - Acervo pessoal. _____	14
Figura 4 - Sala de espera - Acervo pessoal. _____	15
Figura 5 - Consultório 1 - Acervo pessoal. _____	16
Figura 6 - Consultório 2 - Acervo pessoal. _____	16
Figura 7 - Consultório 3 - Acervo pessoal. _____	17
Figura 8 - Centro cirúrgico - Acervo pessoal. _____	17
Figura 9 - Sala de Esterilização - Acervo pessoal. _____	18
Figura 10 - Internamento Canino e baías para os internos - Acervo pessoal. _____	18
Figura 11 - Internamento Felino e baías para os internos - Acervo Pessoal. _____	19
Figura 12 - Espaço de Fisioterapia - Acervo pessoal. _____	20
Figura 13 - Sala de Hidroterapia, com esteira ergométrica veterinária aquática - Acervo pessoal _____	21
Figura 14 - Espaço para realização de exames terceirizados - Acervo pessoal. _____	22
Figura 15 - Sessão de Fisioterapia - Acervo pessoal. _____	23
Figura 16 - Sessão de quimioterapia com doxorubicina em Pitbull de 12 anos - Acervo pessoal. _____	24
Figura 17 - Eletroquimioterapia de carcinoma de células escamosas nasais em felino - Acervo pessoal. _____	25
Figura 18 - Pilares e conceitos que compõem o bem-estar - fonte: WSAVA. _____	35
Figura 19 - Encorajamento de interação entre humano e felino - Ellen Carozza, 2022. _____	39
Figura 20 - As glândulas faciais felinas - International Cat Care. _____	40
Figura 21 - Percepção felina com relação ao mundo - International Cat Care. _____	41
Figura 22 - Exemplo de fármacos e o uso veterinário - Adaptado de RODAN. _____	50
Figura 23 - Manejo utilizando mínima contenção permitindo que o gato sente, deite, fique em pé ou mova os membros. - Adaptado de RODAN. _____	52

Figura 24 - Manejo incorreto, utilizando scruffing, cliques e contenção total do corpo. Gatos manejados desta forma são menos propensos a cooperarem - Adaptado de RODAN.	52
Figura 25 - Linguagem felino - WSAVA, 2015.	53
Figura 26 - Esquema para o suporte de gatos com comportamento protetor - Adaptado de RODAN.	55

Lista de Quadros:

Quadro 1 - Classificação das atividades realizadas durante o período do ESO.	22
Quadro 2 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio.	25
Quadro 3 - Exames complementares acompanhados no ESO.	26
Quadro 4 - Modos de criação dos gatos - Adaptado de Crowley, 2019.	37

Lista de Gráficos:

Gráfico 1 - Referente às esterilizações durante estágio	26
Gráfico 2 - Referente ao sexo dos pacientes atendidos	27
Gráfico 3 - Referente às áreas atendidas durante o período de estágio	31

Lista de abreviações:

ABINPET - Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação

ECG - Eletrocardiograma

ECO - Ecocardiograma

ESO - Estágio Supervisionado Obrigatório

FeLV - Vírus da Leucemia Felina

JFMS - Journal of Feline Medicine

Med. Vet. - Médico(a) Veterinário(a)

ONGs - Organizações Não Governamentais

RX - Radiografia

SDCA - Sistema Digestivo e Cavidade Abdominal

SRD - Sem raça definida

USG - Ultrassonografia

WSAVA - Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais

Sumário:

1. Introdução	11
2. Objetivo	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3. Relatório de estágio	13
3.1 Clínica Veterinária Unipet	13
3.1.1 Equipe e Infraestrutura	14
3.2 Descrição de atividades	22
3.2.1 Atendimento clínico	23
3.2.2 Procedimentos cirúrgicos	24
3.2.3 Exames complementares	26
3.2.4 Acompanhamento de internamentos	27
3.3 Casuística	27
4. Revisão de Literatura	31
4.1 Introdução	31
4.2 Metodologia	33
4.3 Princípios do Bem-Estar	34
4.4 Bem-Estar Felino e o Manejo Adequado	35
4.5 Especificidades do felino doméstico	37
4.5.1 Sentidos	40
4.5.2 Bem-Estar Mental e Emoções felinas	43
4.6 Manejo Cat-Friendly e a Importância da Medicina Veterinária sensível ao bem-estar felino.	46
4.6.1 Preparo do Animal e Ida a Clínica	47
4.6.2 Aproximação de felinos	50
4.6.3 Gatos Hiperreativos, Ferais e de Rua	54
4.7 Conclusão	57
5. Considerações Finais	58
6. Referências	59

Resumo

Existe uma amplitude das áreas de atuação da medicina veterinária clínica, o estágio na Clínica Veterinária Unipet, em Aracaju, Sergipe, permitiu que fosse acompanhado diferentes especialidades as quais se integram no cuidado do paciente, desde a prevenção ao manejo de doenças complexas. Este estágio ocorreu durante o período de seis de junho de 2025 até vinte e nove de agosto de 2025, totalizando quatrocentas e sessenta e quatro horas. Foi possível acompanhar as diversas atividades práticas da rotina clínica, como atendimento clínico de cães e gatos, internamentos, procedimentos cirúrgicos e o aprendizado sobre áreas de especialização como oncologia, cardiologia, fisioterapia e diagnóstico por imagem.

O estágio foi orientado pela Prof^a. Dr^a. Jamile Prado dos Santos e supervisionado pela médica veterinária (Med. Vet.) Thais Freire Lima, responsável pelos atendimentos clínicos de pequenos animais e especialista em felinos. A associação de ambas profissionais com grande conhecimento na clínica médica de felinos juntamente com os casos observados na rotina da clínica médica de felinos tornou possível a elaboração de revisão de literatura de técnicas de manejo amigável felino, utilizando conhecimentos atualizados de fontes internacionais, das quais destaca-se a Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais.

Através deste período de estágio, foi possível assegurar a vastidão dos conhecimentos médicos veterinários em múltiplas áreas de forma a garantir o melhor tratamento em pacientes, especialmente os felinos.

Palavras-chave: bem-estar animal, clínica médica veterinária, manejo amigável felino

Abstract

There is a wide range of areas within clinical veterinary medicine. The internship at Unipet Veterinary Clinic in Aracaju, Sergipe, allowed exposure to different specialties that integrate in patient care, ranging from prevention to the management of more complex diseases. This internship took place from June six, 2025, to August twenty nine, 2025, totaling 464 hours. It was possible to follow various practical activities of the clinical routine, such as clinical care of dogs and cats, hospitalizations, surgical procedures, and learning about specialized areas such as oncology, cardiology, physiotherapy, and diagnostic imaging.

The internship was guided by Prof. Dr. Jamile Prado dos Santos and supervised by veterinarian (DVM) Thais Freire Lima, responsible for clinical care of small animals and a specialist in felines. The combination of both professionals' extensive knowledge in feline clinical medicine, together with the cases observed in the feline clinical routine, enabled the development of a literature review on feline-friendly handling techniques, using updated knowledge from international sources, including the World Small Animal Veterinary Association.

Through this internship period, the breadth of veterinary medical knowledge across multiple areas was ensured, aiming to provide the best treatment for patients, particularly for felines.

Keywords: animal welfare, veterinary clinical medicine, feline-friendly handling

1. Introdução

Durante o período de seis de junho de 2025 até vinte e nove de agosto de 2025, foi realizado o estágio supervisionado obrigatório na Clínica Veterinária Unipet, em Aracaju, Sergipe. Apesar de ser uma clínica de pequenos animais com grande atividade de petshop, ou seja, grande frequência de atendimento de cães, durante este período, foi acompanhado o atendimento clínico de cento e sessenta e um animais, dentre eles, quarenta e cinco gatos. Assim, mediante as práticas adotadas e ensinamentos da Med. Vet. Thais Freire Lima, foi possível desenvolver melhor entendimento sobre o bem estar animal, principalmente de pacientes felinos.

Os gatos vêm ocupando um espaço de importância crescente no campo da medicina veterinária. Apesar dos cães ainda representarem a maioria dos animais domésticos, em um contexto de proporção, a população felina cresce mais que a canina. De acordo com folder publicado pela Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET), o qual aborda de uma forma geral sobre os animais de estimação no Brasil, foi registrado um crescimento acumulado de aproximadamente 6% na quantidade de gatos de estimação entre 2020 e 2021. Enquanto a proporção de cães cresceu 3,9% durante o mesmo período (ABINPET, 2022).

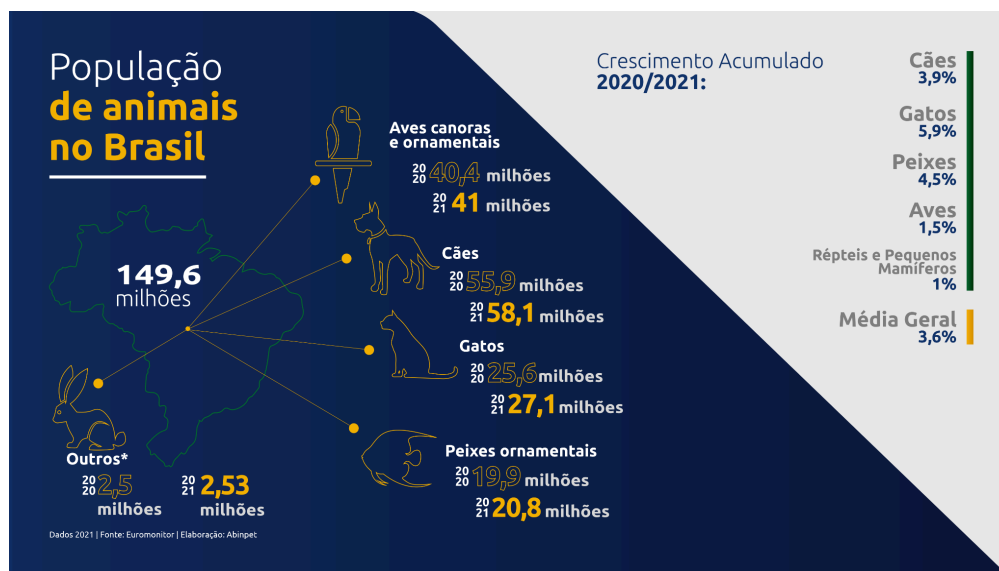


Figura 1 - População de animais de estimação no Brasil - ABINPET.

Como consequência do crescimento da população de gatos de estimação, torna-se essencial que os profissionais da medicina veterinária estejam devidamente preparados para atender a esses animais, devido a suas necessidades específicas e por demandarem cuidados diferenciados e especializados. O conhecimento sobre os felinos é difundido cada vez mais no Brasil a partir de estudos, cursos, eventos, entre outras formas de adquirir aprendizado. Contudo, a experiência prática também é muito importante para a capacitação do profissional da veterinária.

2. Objetivo

2.1 Objetivo geral

O principal objetivo deste documento é relatar o Estágio Supervisionado Obrigatório ocorrido em clínica médica veterinária de animais de pequeno porte, e também, apresentar conhecimentos atualizados do manejo *Cat-friendly*, que consiste em um conceito e práticas amigáveis voltados para os felinos, através de uma revisão de literatura.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- Aquisição de conhecimentos específicos para o manejo amigável em felinos;
- Realizar um levantamento da casuística dos pacientes, possibilitando a identificação dos principais casos clínicos que afetam a rotina da medicina veterinária de pequenos animais.
- Identificar as técnicas atuais utilizadas no atendimento de pequenos animais, especialmente felinos, possibilitando um entendimento do manejo amigável e o respeito do bem-estar dos pacientes durante o atendimento.

3. Relatório de estágio

3.1 Clínica Veterinária Unipet

O Estágio Supervisionado Obrigatório foi realizado na Clínica Veterinária Unipet (Figura 2), localizada na Avenida Francisco Porto, nº 870, em Aracaju, Sergipe, no período de seis de junho de 2025 a vinte e nove de agosto de 2025, totalizando quatrocentas e sessenta e quatro horas. O estágio foi supervisionado pela médica veterinária Thais Freire Lima.

A clínica veterinária Unipet é focada em atender as necessidades do mercado veterinário de pequenos animais, fornecendo atendimento médico veterinário, serviços de banho e tosa, e também venda de ração, coleiras, brinquedos dentre outros acessórios. Na clínica, é disponibilizado atendimento clínico e cirúrgico, internamento, exames complementares laboratoriais e de imagem, além de serviços de fisioterapia, incluindo o pioneirismo na hidroterapia.



Figura 2 - Frente da Clínica Veterinária Unipet - Acervo pessoal.

3.1.1 Equipe e Infraestrutura

A equipe da clínica é composta por um total de dezesseis membros: quatro veterinários, seis plantonistas, duas recepcionistas, um gerente administrativo, um auxiliar de limpeza, uma auxiliar veterinária e um motorista. Adicionalmente, a clínica oferece serviços de veterinários volantes especializados em cardiologia, fisioterapia, gastroenterologia, nefrologia, oftalmologia, além da realização de exames de radiografia, ultrassonografia, eletrocardiograma e ecocardiograma.

A estrutura da clínica conta com uma recepção, uma sala de espera, um espaço para banho e tosa, três consultórios veterinários, um centro cirúrgico, uma sala de esterilização, uma sala de exames, uma área de internamento canino e uma área de internamento felino, uma área para fisioterapia e uma sala de hidroterapia.

a) Recepção e Sala de Espera

A recepção dispõe de medicamentos médicos veterinários (Figura 3), enquanto que na sala de espera há uma variedade de produtos para animais de pequeno porte e exóticos. Entre os produtos disponíveis para venda estão rações secas e úmidas, rações terapêuticas, arranhadores, mordedores e outros brinquedos, comedouros e bebedouros, caixas de areia e diferentes tipos de areia higiênicas.



Figura 3 - Recepção da clínica - Acervo pessoal.

Na área da recepção ocorre o primeiro contato do tutor com o estabelecimento. No cômodo ao lado, está a sala de espera, onde está presente o sofá para acomodação do tutor e está disposta a grande maioria dos produtos para os animais (Figura 4).



Figura 4 - Sala de espera - Acervo pessoal.

b) Consultórios

A realização do atendimento veterinário ocorre nos consultórios e cada um deles conta com computadores conectados ao sistema clínico com informações destinadas à realização das consultas, mesas para exames, pia para higienização e armário com insumos para os procedimentos de rotina (Figuras 5, 6 e 7.). As consultas e procedimentos de rotina ocorrem nos consultórios 1 e 2, por isso possuem armazenamento refrigerado de medicações e vacinas, enquanto que no consultório 3 é destinado apenas para consulta com médico veterinário especialista. Os consultórios também possuem instrumentos destinados à aferição de parâmetros e realização de exames, incluindo termômetros, estetoscópios, glicosímetros, lâmpadas de Wood e lupas microscópicas.



Figura 5 - Consultório 1 - Acervo pessoal.



Figura 6 - Consultório 2 - Acervo pessoal.

O consultório 3 (Figura 7) é destinado a consulta com médicos veterinários especialistas, os quais são volantes. A designação de um consultório para as consultas com especialista resulta numa agilização do atendimento, visto que não é necessário esperar o médico veterinário da clínica desocupar o consultório.



Figura 7 - Consultório 3 - Acervo pessoal.

c) Centro cirúrgico

O centro cirúrgico é equipado com uma mesa cirúrgica veterinária para a realização dos procedimentos. A sala também conta com calhas, cilindros de oxigênio, foco cirúrgico veterinário e duas mesas inox para disposição de instrumentais cirúrgicos. Também são dispostas prateleiras com medicações e materiais utilizados em cirurgias (Figura 8).



Figura 8 - Centro cirúrgico - Acervo pessoal.

Ao lado do centro cirúrgico está localizada a sala de esterilização (Figura 9), onde os materiais são higienizados e esterilizados através de autoclavagem e estufa.



Figura 9 - Sala de Esterilização - Acervo pessoal.

d) Áreas de Internamento

As áreas de internamento são divididas em Internamento Canino (Figura 10) e Internamento Felino (Figura 11), evitando contato entre cães e gatos, diminuindo o estresse dos pacientes internos, principalmente os pacientes felinos. O internamento Canino, por apresentar um cômodo maior, possui mesa para procedimentos, armário com medicações, materiais da rotina clínica e equipamentos veterinários como doppler, bomba de infusão contínua, bomba de seringas, dentre outros. Possui também uma geladeira que armazena medicações e vacinas que irão abastecer os consultórios.



Figura 10 - Internamento Canino e baías para os internos - Acervo pessoal.

O internamento felino conta com um cômodo menor, mais reservado, e que possui também oito baías para internos (Figura 11). Este ambiente possui um difusor elétrico de feromônios sintéticos, mantas, caixas de areia e até caixas de transportes que servem como toca, buscando o maior conforto felino e diminuição de seu estresse.



Figura 11 - Internamento Felino e baías para os internos - Acervo Pessoal.

e) Espaço de Fisioterapia

O espaço de fisioterapia (Figura 12) é um cômodo grande, com tapetes emborrachados que serve para aumentar o atrito das patas dos pacientes e diminuir as lesões por quedas. No centro do cômodo, há simuladores de terrenos, com areia sintética, seixos, chão liso e grama artificial. A prática da fisioterapia é realizada por veterinário especializado em fisioterapia e acompanhada por auxiliar veterinário e estagiários.

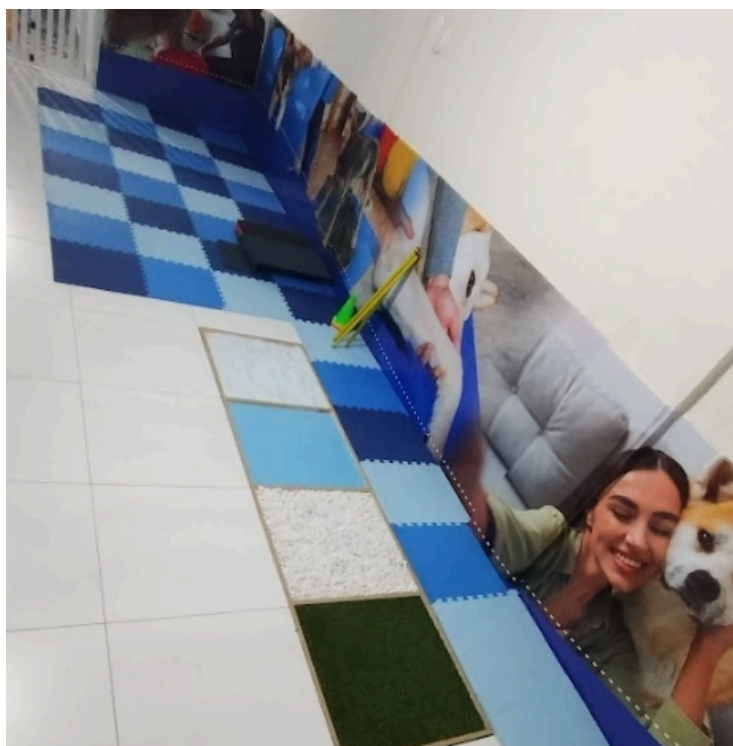


Figura 12 - Espaço de Fisioterapia, equipado com tapetes emborrachados, simulador de terrenos, cones e outros obstáculos para as atividades - Acervo pessoal.

f) Sala de Hidroterapia

A sala de hidroterapia (Figura 13) é um cômodo equipado com esteira ergométrica veterinária aquática, possui piso emborrachado e conta com armários para armazenamento do material utilizado nas sessões de hidroterapia e fisioterapia, como petiscos para incentivo aos movimentos, toalhas, obstáculos de plástico, dentre outros. Neste cômodo ocorre também sessões de fisioterapia, principalmente buscando treinar os animais para o uso da esteira.



Figura 13 - Sala de Hidroterapia, com esteira ergométrica veterinária aquática - Acervo pessoal.

g) Sala de Exames

A clínica dispõe de um espaço para a realização de exames de veterinários volantes, nesta sala são realizados ultrassonografia, eletrocardiograma e ecocardiograma. Nesta sala é disponibilizada uma mesa e almofada para decúbito de animal, uma mesa para acomodação de equipamento e uma mesa para acomodação de computadores. Além de possuir prateleiras com os insumos necessários para os exames, como luvas, álcool, algodão, gaze e gel condutor à base de água (Figura 14).

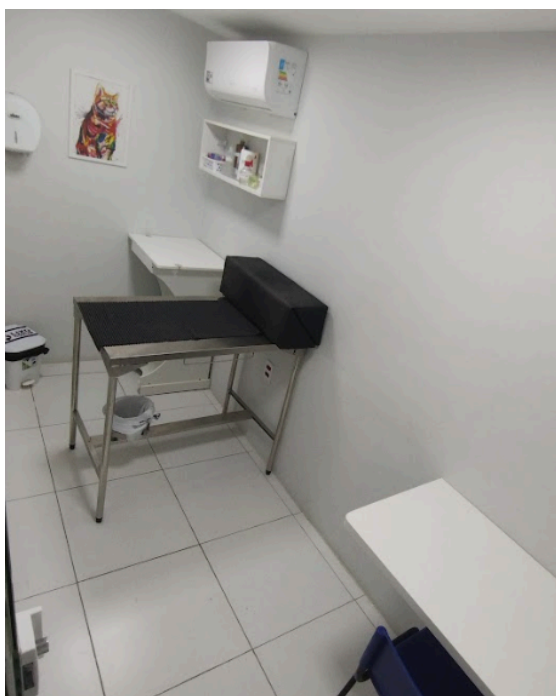


Figura 14 - Espaço para realização de exames terceirizados - Acervo pessoal.

3.2 Descrição de atividades

Foi realizado o acompanhamento da rotina clínica veterinária durante os períodos de seis de junho de 2025 até vinte e nove de agosto de 2025. Durante este período, foram acompanhados cento e sessenta e um atendimentos clínicos, trinta e três procedimentos cirúrgicos e sessenta e quatro exames complementares. As atividades exercidas totalizaram quatrocentos e sessenta e quatro horas. As atividades acompanhadas podem ser observadas no quadro abaixo (Quadro 1). Também foram acompanhados os internamentos de pacientes e atendimentos com especialistas veterinários.

Quadro 1 - Classificação das atividades realizadas durante o período do ESO.

Atividades realizadas no ESO		
Atendimento clínico	Procedimentos cirúrgicos	Exames complementares
161	33	64

3.2.1 Atendimento clínico

Durante o período de estágio, foram acompanhados cento e sessenta e um atendimentos clínicos, sendo cento e dezesseis cães (equivalente a 72%) e quarenta e cinco gatos (equivalente a 28%). Dentre esses atendimentos, foram acompanhados atividades com especialistas em oftalmologia, fisioterapia (Figura 15), cardiologia, dermatologia e oncologia (Figura 16). As atividades realizadas incluíram: o acompanhamento de profissionais durante a rotina da clínica, permitindo a observação de atendimentos clínicos e internamentos; participação na realização de exames complementares; atuação como auxiliar em procedimentos cirúrgicos, possibilitando o aprendizado e o auxílio aos profissionais responsáveis pelos procedimentos; envolvimento na análise de quadros clínicos e na formulação de diagnósticos, sempre em conjunto com os profissionais da clínica, contribuindo para o aprendizado e interpretação de exames complementares; aplicação de medicações e vacinas nos pacientes e participação na coleta de material para a realização de exames.



Figura 15 - Sessão de Fisioterapia - Acervo pessoal.



Figura 16 - Sessão de quimioterapia com doxorubicina em Pitbull de 12 anos - Acervo pessoal.

Esse contato direto do aluno com os atendimentos clínicos da rotina veterinária e especializados, aliado à execução de procedimentos práticos, proporcionou a aquisição e revisão de conhecimentos teóricos e práticos essenciais para sua formação profissional. Essa experiência desempenhou um papel significativo em sua capacitação para o mercado de trabalho, com ênfase na medicina veterinária voltada para felinos.

3.2.2 Procedimentos cirúrgicos

Como consequência das consultas realizadas, alguns dos animais atendidos precisaram passar por procedimentos cirúrgicos. Foi possível acompanhar trinta e três procedimentos cirúrgicos, evidenciados no Quadro 2. Foram acompanhadas dezoito esterilizações, seis procedimentos de limpeza periodontal, quatro drenagens de abscessos, uma eletroquimioterapia (Figura 17) e quatro mastectomias.

Quadro 2 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio.

Procedimentos cirúrgicos				
Esterilização	Limpeza Periodontal	Drenagem de abscesso	Eletroquimioterapia	Mastectomia
18	6	4	1	4



Figura 17 - Eletroquimioterapia de carcinoma de células escamosas nasais em felino - Acervo pessoal.

A grande maioria dos procedimentos cirúrgicos foram cirurgias eletivas de esterilização, sendo um total de dezoito esterilizações (Gráfico 1), equivalente a 51,4% dos procedimentos realizados. Foram acompanhadas a esterilização de dez gatos, sendo oito machos e duas fêmeas, e oito cães, sendo quatro machos e quatro fêmeas.

Distribuição das Esterilizações

Total de 18 procedimentos

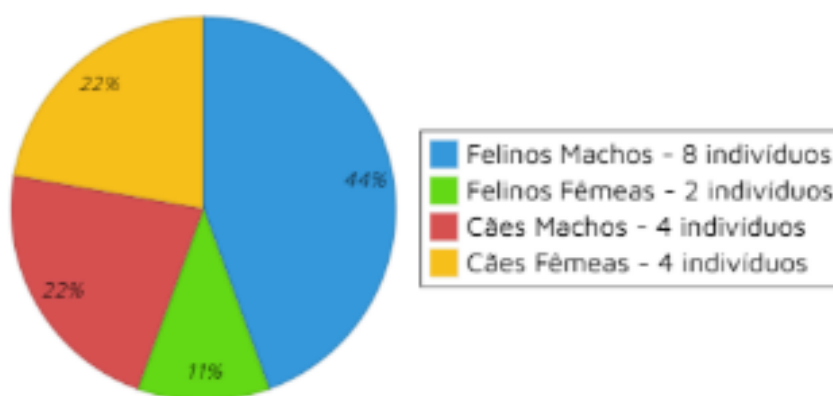


Gráfico 1 - referente às esterilizações acompanhadas durante o estágio.

3.2.3 Exames complementares

No decorrer das consultas, a realização de exames complementares foi indispensável para auxiliar nos diagnósticos e garantir o acompanhamento adequado do estado de saúde dos felinos atendidos. No total, foram realizados sessenta e quatro exames complementares (Quadro 3), os quais estão distribuídos da seguinte forma: quinze exames radiográficos (RX), vinte e sete exames ultrassonográficos (USG), dez eletrocardiogramas (ECG) e doze ecocardiogramas (ECO).

Quadro 3 - Exames complementares acompanhados durante o ESO.

Exames complementares			
ECG	ECO	RX	USG
10	12	15	27

3.2.4 Acompanhamento de internamentos

Além das atividades previamente descritas, também foi possível acompanhar os pacientes durante os internamentos. Esse acompanhamento proporcionou contato com todas as etapas fundamentais do processo, desde o atendimento inicial, que representa o primeiro contato com o animal, passando pelo monitoramento, até a evolução do quadro clínico, culminando na alta ou, em alguns casos, no óbito dos pacientes.

3.3 Casuística

A Clínica Veterinária Unipet possui o ambiente necessário para realização dos atendimentos e procedimentos veterinários. Decorrente de sua estrutura, foi permitido o contato direto do aluno com diferentes casos da medicina veterinária. Ao analisar esses casos, foi possível realizar o levantamento quantitativo das informações relacionadas aos cento e sessenta e um animais atendidos e seus quadros clínicos.

a) Sexo

Quanto ao sexo dos pacientes (Gráfico 2), foram atendidos cento e dezesseis cães, sendo cinquenta e seis machos (48%) e sessenta fêmeas (52%). Enquanto que os felinos, foram atendidos quarenta e cinco gatos, sendo vinte e três machos (51%) e vinte e duas fêmeas (49%).

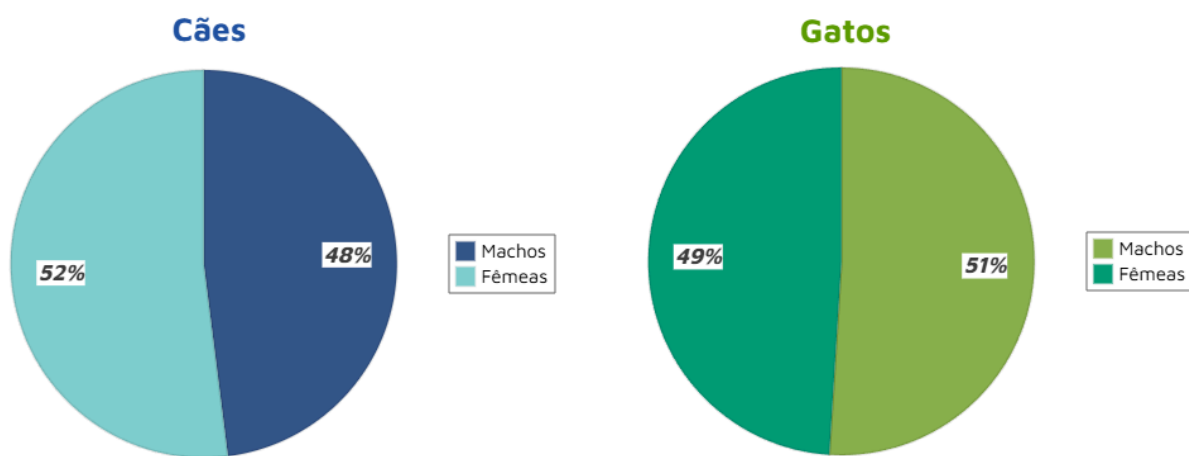


Gráfico 2 - Referente ao sexo dos pacientes atendidos.

b) Raças

Entre os cães, a raça predominante nos atendimentos foi o Shih Tzu, com quarenta e dois animais recebidos, representando um total 36,2% dos cães atendidos durante o período do ESO. Em seguida, destacam-se os Poodles com dezessete animais (14,7%) e os Yorkshires, com dez animais (8,6%) atendidos. Outras raças registradas incluem Maltês (sete animais, 6,0%), Bulldog Francês (cinco animais, 4,3%), SRD, ou sem raça definida, (quinze animais, 12,9%), Chow-chow (três animais, 2,6%), Lhasa Apso (quatro animais, 3,4%) e Spitz (três animais, 2,6%). Menor presença foi observada em raças grandes como Golden Retriever (dois animais, 1,7%), Pitbull (dois animais, 1,7%), além de outras raças variadas, cada uma representando menos de 1% a 2,6% do total de cães.

No grupo dos gatos, a maior parte dos atendimentos concentrou-se em animais da raça Pelo Curto Brasileiro (PCB), com vinte e seis indivíduos (57,8%). Os gatos SRD somaram catorze animais (31,1%), enquanto os Persas representam quatro atendimentos (8,9%), sendo o Siamês a raça de menor frequência, sendo atendido apenas um (2,2%). A análise das raças mostra que, entre os cães, os animais de pequeno porte, como Shih Tzu e Poodle, são predominantes, enquanto entre os gatos, os PCB são claramente mais frequentes. Esses dados ajudam a compreender melhor o perfil populacional atendido.

c) Faixa etária

No caso dos cães, a análise etária mostrou que 20,7% eram filhotes (até 1 ano), 15,5% jovens (1 a 3 anos), 37,1% adultos (4 a 7 anos) e 26,7% sênior (acima de 7 anos). Esses dados evidenciam que a maior parte dos cães atendidos encontrava-se na fase adulta, seguida pelos animais idosos, indicando uma demanda relevante por acompanhamento preventivo e tratamento de condições crônicas. Além disso, a diversidade de raças atendidas permitiu compreender melhor as particularidades de cada grupo, desde cães de porte pequeno, como Shih-Tzu e Poodle, até cães de porte maior, como Golden Retriever e Bulldog Francês.

Em relação aos gatos, foi observado que 11,1% eram filhotes, 40,0% jovens, 26,7% adultos e 22,2% sênior, mostrando que a maioria dos felinos atendidos estava na faixa jovem, o que reforça a importância de exames preventivos e orientação sobre cuidados adequados desde cedo.

d) Esterilização

Durante o estágio, foi possível acompanhar a rotina veterinária de diversos animais, permitindo observar aspectos importantes relacionados à saúde e manejo reprodutivo. Um dado que merece destaque é que a grande maioria dos animais atendidos não eram esterilizados. Entre os cães machos, apenas onze (19,6%) estavam castrados, enquanto quarenta e cinco (80,4%) permaneciam férteis. No grupo das cadelas, a situação não foi muito diferente: das sessenta fêmeas, apenas vinte (33,3%) eram castradas, permanecendo quarenta (66,7%) férteis. Entre os felinos, dos vinte e três machos atendidos, apenas sete (30,4%) eram castrados, com dezesseis (69,6%) ainda férteis, enquanto das vinte e duas fêmeas, oito (36,4%) haviam sido castradas e catorze (63,6%) continuavam férteis. Esses números evidenciam a importância de ações de conscientização e incentivo à esterilização como ferramenta de controle populacional e promoção do bem-estar animal.

e) Categorias Patológicas

Durante o período de acompanhamento, foram registrados cento e sessenta e um atendimentos, os quais abrangeram diferentes situações clínicas de cães e gatos. A maior parte correspondeu a check-up de rotina (45,9%), um total de setenta e quatro animais atendidos, resultado diretamente relacionado à adesão de tutores a planos de saúde pet e à busca por vacinação preventiva, fatores que têm impulsionado a procura por serviços veterinários e fortalecido a medicina preventiva.

Os demais atendimentos foram organizados em categorias divididas conforme os campos de estudo da medicina veterinária (Gráfico 3), possibilitando uma visão ampla das áreas que compõem a prática clínica. Os atendimentos em gastroenterologia (19,5%) demonstram a alta frequência de distúrbios digestivos, acometendo trinta e dois pacientes, com quadros variados de: cálculo dentário, comprometimento dentário,

gastroenterite, ingestão de corpo estranho, hepatite aguda e crônica. A dermatologia (17,1%) também foi bastante frequente, acometendo vinte e oito pacientes os quais apresentaram: prurido, alopecia, lesões de pele, dermatite alérgica por picada de pulga, dermatites infecciosas (fúngica e bacteriana), e dermatite parasitológicas (sarna e ácaro). Já os casos ortopédicos (11,8%) foram um total de dezenove pacientes com quadros que abrange fraturas, displasia coxofemoral e luxação de patela. Já nas doenças hematológicas (9,1%), quinze animais foram acometidos por casos de: hemoparasitose (babesiose e erliquiose), anemias e leucemias. Os pacientes com quadros relacionados à nefrologia (5,5%) foram três pacientes com insuficiência renal crônica e seis cistites. Houveram oito casos oncológicos (5%), havendo detecção de nódulos neoplásicos em cadeia mamária, fígado, rim e em membros posteriores compatível com lipoma. As áreas de menor frequência foram as de oftalmologia (2,5%) com três pacientes com catarata e uma obstrução de ducto lacrimal; pneumologia(2,5%),sendo dois casos de bronquite, uma pneumonia bacteriana e um paciente com asma felina; três casos cardiológicos (1,8%), sendo um espessamento de válvulas e duas dirofilarioses; por fim foi identificado um quadro neurológico (0,6%), em um paciente com crises convulsivas.

Essa casuística mostra a amplitude das áreas de atuação da medicina veterinária, permitindo compreender como diferentes especialidades se integram no cuidado integral do paciente, desde a prevenção até o manejo de doenças complexas, reforçando a importância do conhecimento multidisciplinar na prática clínica e justificando a importância da realização do Estágio Supervisionado Obrigatório.

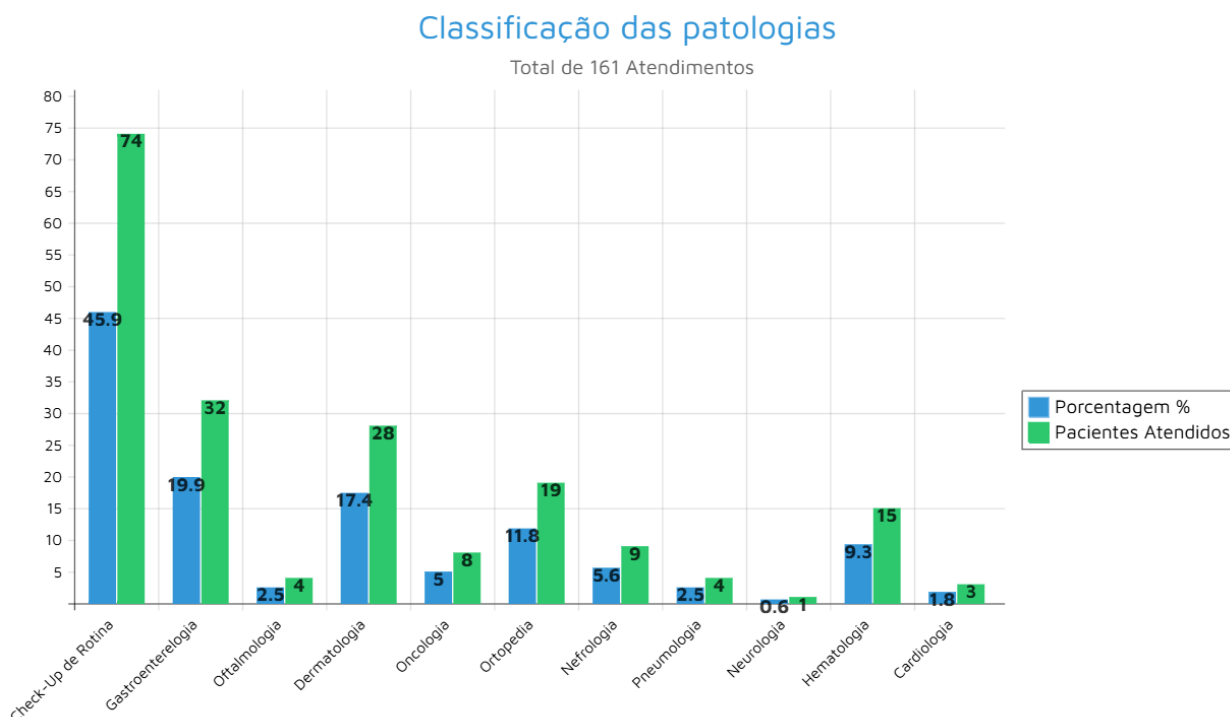


Gráfico 3 - Referente às áreas atendidas durante o período de estágio.

4. Revisão de Literatura

4.1 Introdução

A relação entre humanos e os gatos (*Felis silvestris catus*) remonta há pelo menos 10 mil anos, quando a domesticação de seu ancestral, o gato silvestre africano (*Felis silvestris lybica*), teve início no Oriente Médio. Esse contato originou-se em um contexto de comensalismo associado ao desenvolvimento da agricultura, onde os felinos seriam responsáveis pela função de controlar a população de pragas, principalmente os roedores (VIGNE et al., 2004; DRISCOLL et al., 2007, 2009). Assim, no período do Antigo Egito, os felinos eram cultuados e representados pela deusa Bastet, com forma de gata e corpo humano. Portanto, os gatos eram considerados animais sagrados, e matar um deles era um crime punível com a pena de morte (VIARO, 2008).

A simbologia dos felinos altera-se conforme a região. Na Roma Antiga, eles representavam a liberdade; no Japão milenar, eram vistos como protetores dos escritos budistas ou símbolos de sorte; já na Idade Média, eram associados à bruxaria e conexões com outros mundos, sendo um período nebuloso para os pequenos felinos (BLANCO, 2012). Séculos se passaram e os felinos continuam ocupando cada vez mais um papel significativo na cultura e no cotidiano humano, sendo atualmente um dos animais de companhia mais populares no mundo.

No Brasil, a população felina tem apresentado crescimento acelerado nos últimos anos, e impulsionado por variados motivos. Estes fatores englobam a verticalização das cidades, mudanças no estilo de vida e a adaptação dos tutores a animais de comportamento mais independente, fazendo com que os felinos representem 65% da preferência dos tutores durante as adoções, enquanto que os cães são preferidos por 35% (SOLLITTO, 2022). Essa preferência é representada nos dados do Censo Pet do Instituto Pet Brasil de 2022, que indicam um crescimento de 6% na população de gatos domésticos entre 2020 e 2021, enquanto a população de cães cresceu 4% no mesmo período, totalizando 27,1 milhões de felinos, com uma projeção de crescimento médio anual de 2,5%.

Apesar desse crescimento, a adaptação dos gatos ao ambiente humano e, em especial, ao manejo veterinário ainda representa desafios significativos. Diferentemente dos cães, os felinos apresentam um comportamento mais reservado e são altamente sensíveis a mudanças ambientais e estímulos desconhecidos, o que pode gerar estresse durante visitas ao veterinário. Estudos recentes apontam que a ida ao consultório, a sala de espera e o exame clínico são fatores estressores para os gatos, levando a respostas comportamentais negativas que podem desencorajar os tutores a buscar atendimento veterinário preventivo (CANEY, 2022). Outros principais fatores que prejudicam o bem-estar dos gatos nas clínicas veterinárias são: a contenção inadequada; a estimulação auditiva e olfativa excessiva; e a falta de analgesia (DAWSON, 2016).

Diante desse cenário, surge a necessidade de implementar estratégias de manejo conhecidas como "*cat friendly*", que buscam tornar a experiência veterinária mais positiva tanto para os felinos quanto para seus tutores e profissionais da área. Essas estratégias incluem: o reconhecimento dos sinais específicos da espécie relacionados ao medo e à dor; o uso de técnicas de condicionamento positivo; e a criação de um ambiente clínico adaptado às necessidades comportamentais dos gatos (RODAN, 2022).

A adoção desse manejo não apenas reduz o estresse dos animais durante o atendimento, como também impacta as próximas consultas e exames, pois os gatos possuem boa memória de longo prazo e podem se lembrar das experiências negativas e responder de forma reativa futuramente (VITALE et al., 2015; TAKAGI, 2017). Além deste fator, a adoção de medidas sensíveis aos comportamentos felinos pelos profissionais acarreta uma melhor adesão dos tutores aos cuidados veterinários, promovendo uma melhor qualidade de vida para os felinos (RODAN, 2022).

Neste contexto, este artigo tem o objetivo de discutir a importância do bem-estar felino no ambiente clínico, explorando os desafios do manejo veterinário e as práticas recomendadas para tornar a experiência mais amigável aos gatos. Serão abordadas as principais diretrizes do atendimento "*cat friendly*", bem como as implicações comportamentais e emocionais das interações veterinárias na saúde e no bem-estar dos felinos a longo prazo.

4.2 Metodologia

A presente revisão de literatura realiza uma abordagem narrativa e fundamentada em coleta e análise de informações provenientes de conteúdos atualizados. Foram selecionados artigos, livros e publicações atuais científicas. Foram consultadas plataformas de pesquisa, como Google Acadêmico, ScieElo, PubMed e periódicos Capes. Foram utilizadas palavras-chave como: bem-estar animal, bem-estar felino, *cat-friendly*, *wellbeing* e *wellfare*. Priorizando pesquisas científicas, relatos publicados em periódicos e revistas. Excluindo fontes como blogs e cartilhas para melhor confiabilidade das informações.

4.3 Princípios do Bem-Estar

O conceito de bem-estar animal, em síntese, representa o atendimento da tríade da saúde, ou seja, o cumprimento das necessidades físicas, emocionais e cognitivas dos animais (JFMS, 2021). O entendimento deste conceito é uma necessidade e dever profissional do médico veterinário, sendo responsável por abranger diversas áreas de conhecimento, como fisiologia, psicologia, etologia, saúde e reprodução (VEISSIER e MIELE, 2014). Portanto, um animal com bem-estar positivo se demonstra saudável, confortável, bem nutrido, apresenta liberdade para expressar seus comportamentos naturais e sem emoções negativas, como medo, dor ou angústia. Além do entendimento deste conceito, o médico veterinário deve também atuar na educação dos tutores, buscando maximizar o bem-estar em todas as etapas da vida.

Em 2019, a Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais (WSAVA) propôs três aspectos fundamentais para garantir o bem estar animal: (1) Saúde física, (2) Estado Mental (Emocional) e (3) Habilidade de exercer comportamentos naturais no ambiente em que vive (Figura 18). Assim, ainda no mesmo ano, a WSAVA evidenciou que para o atendimento desses aspectos fundamentais era necessário garantir o cumprimento de cinco pilares da avaliação do bem estar: a liberdade nutricional, sanitária, ambiental, comportamental e psicológica. Contudo, para melhor entendimento, essas cinco liberdades tiveram sua nomenclatura atualizada e passaram a ser conhecidas como as cinco necessidades: (1) Ambiente adequado, (2) Dieta adequada, (3) Ser alojado com outros animais, ou afastado, (4) Poder expressar padrões normais de comportamento, e (5) Ser protegido da dor, sofrimento, lesão ou doença (SANTOS et al., 2014). Assim, o bem-estar animal pode ser entendido como o atendimento da necessidade física, mental e habitual do animal e pode ser garantida através dos cinco pilares da avaliação do bem-estar.



Figura 18 - Pilares e conceitos que compõem o bem-estar - fonte: WSAVA.

4.4 Bem-Estar Felino e o Manejo Adequado

Durante o manejo de pacientes felinos é importante considerar seus comportamentos espécie-específicos e suas diferenças individuais (JFMS, 2022), por isso, muitos veterinários evitam atender gatos por não compreenderem suas particularidades e necessidades (STRACK, 2021). Apesar do número de felinos domésticos ser maior que o número de cães em muitos países, esse número é menor quando se trata de visitas ao veterinário (SPARKES, 2013). Essa baixa frequência é resultado da angústia do tutor por acreditar que a experiência de ida ao veterinário é mais traumática e prejudicial para a saúde do gato do que a falta de cuidados (RODAN et al., 2011; CARNEY et al., 2012).

Um estudo realizado por Carney em 2022, apontou que o transporte até o consultório, a sala de espera e o exame são os eventos mais estressantes para os gatos, desencorajando os tutores a levá-los a consultas. Nesse sentido, a especialização e a capacitação dos profissionais são fundamentais para proporcionar um atendimento adequado e respeitoso. Saber identificar sinais de medo, estresse e ansiedade em felinos permite que o veterinário adote uma abordagem mais empática, a

fim de tornar o atendimento mais fácil tanto para o animal quanto para o profissional (SOARES et al., 2022; OTTOBELI et al., 2022).

Considerando que a domesticação dos felinos é considerada historicamente recente, há menos de 10.000 anos, muitos de seus comportamentos ainda refletem instintos primitivos destes animais. Diferente dos cães, que passaram por uma domesticação mais intensa, os gatos ainda mantiveram algumas características, justamente por serem caçadores e presas na natureza. Esse resquício comportamental primitivo torna os felinos mais suscetíveis a respostas hiper-reativas quando se sentem vulneráveis, o que pode dificultar o manejo tanto em domicílio quanto em ambientes clínicos (OTTOBELI et al., 2022).

As principais fontes de estresse durante a consulta são através da estimulação negativa auditiva e olfativa, uso de contenção inadequada e o baixo controle da analgesia. Todavia, essas fontes podem ser reduzidas através de abordagens práticas que incluem o reconhecimento dos sinais espécie-específicos de dor e medo, uso de técnicas para preparo pré-consulta, além do uso de comida para incentivar as emoções positivas e reforço positivo (DAWSON, 2016).

O gato doméstico manteve muito dos comportamentos predatórios do seu ancestral, o gato silvestre africano, como territorialismo e evitar conflitos com outros animais através de comportamentos solitários. Contudo, os gatos domésticos, diferente de seu ancestral, são socialmente flexíveis, possuindo indivíduos com variáveis níveis de sociabilidade tanto com outros gatos quanto outras espécies. Gatos sem cuidadores e não confinados tendem a formar grupos, denominados colônias, em ambientes físicos com disponibilidade previsível de recursos como abrigo e alimentos. Também existe a possibilidade desses grupos serem formados por grau de parentesco, principalmente pela linha materna (TAYLOR et al., 2022).

O ambiente físico é importante para o bem-estar dos gatos e com o avanço da urbanização, muitos felinos são mantidos exclusivamente dentro da casa ou apartamento, reduzindo assim seu acesso ao ar livre. Esta criação confinada impacta diretamente na saúde mental e física destes animais, afetando também a interação social e o contato com humanos (ELLIS, 2013; FOREMAN-WORSLEY; FARNWORTH,

2019). As formas de criação dos felinos, de acordo com Crowley (2019) podem ser classificados em quatro categorias principais, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 - Modos de criação dos gatos - Adaptado de Crowley, 2019.

Modos de criação dos gatos		
Indoor	Exclusivamente domiciliados	Possuem domicílio; confinados; controle total de alimentação, reprodução e movimentação.
Indoor-outdoor	Domiciliados (acesso ao ambiente externo)	Possuem domicílio; confinados; acesso restrito a áreas externas controladas, como quintais e varandas.
Free-ranging	Não-confinados	Possuem domicílio; acesso irrestrito às ruas; baixo controle sobre alimentação e reprodução.
Feral		Gatos sem qualquer grau de controle ou provisão humana.

Independentemente do tipo de criação, garantir um ambiente enriquecido e seguro é essencial para o bem-estar felino. Outro fator importante é disponibilizar aos felinos a sensação de controle, segurança e previsibilidade em seu ambiente. Portanto, eles devem ter a opção de se esconder quando se sentem inseguros, e locais elevados podem proporcionar um refúgio confortável (RODAN et al., 2022). Garantir o bem-estar dos gatos envolve compreender suas necessidades espécie-específicas, respeitar suas preferências e proporcionar um ambiente seguro e enriquecedor. Decorrente do aumento do número de felinos domiciliados, torna-se cada vez mais importante o preparo para atender adequadamente às particularidades desses animais, tanto por parte dos tutores quanto dos profissionais da veterinária. Dessa forma, é possível garantir uma vida saudável aos felinos e reduzir ou até eliminar o estresse do dia a dia destes animais.

4.5 Especificidades do felino doméstico

O gato doméstico é um dos poucos caçadores solitários da natureza que consegue viver harmoniosamente com os humanos e outras espécies, mesmo com comportamentos primitivos de autopreservação. Essa capacidade de conviver sem estresse com outros animais não depende apenas da previsibilidade e disponibilidade

de recursos do ambiente físico, como também de predisposições genéticas e exposições sociais positivas contínuas (MCCUNE et al., 1995; DRISCOLL et al., 2009).

A melhor época para desenvolvimento de interação positiva entre gato e humano é durante as primeiras semanas de vida do felino. Durante esse período, se realizado experiências positivas e frequentes de interação humano-gato, principalmente envolvendo adultos e crianças, os filhotes tendem se desenvolver para um gato adulto mais amigável e menos medroso com relação às pessoas (MCCUNE et al., 1995; OVERALL et al., 2013).

Todavia, os gatos que tiveram experiências negativas, ou não foram introduzidos adequadamente a humanos, tendem a desenvolver mais medo. Consequentemente, este sentimento negativo é provocado durante consultas veterinárias, tornando estes gatos mais propensos a demonstrar emoções protetoras e comportamentos hiperreativos (MCCUNE et al., 1995; RODAN et al. 2022). Desta forma, é necessário que, durante a consulta, o veterinário possua o conhecimento e capacitação sobre as melhores abordagens ao paciente felino. Assim, o profissional objetiva uma experiência positiva considerando a perspectiva felina, resultando na apresentação de um comportamento cooperativo e emoções positivas em futuras consultas destes animais.

Os gatos costumam projetar comportamentos de sobrevivência e territorialismo, assim, são animais que precisam da sensação de controle, segurança e familiaridade tanto em seu ambiente físico como social (RODAN et al., 2022). É importante ressaltar que a interação humano-felina que apresenta maior duração é iniciada pelo felino, e para isso, é importante dar a oportunidade do gato iniciar essa interação (TURNER, 1990). Uma boa forma de encorajar esse contato é através do ato de manter a mão na altura do gato, de forma relaxada, esperando que o felino faça a primeira interação (Figura 19), evitando principalmente restringir ou pegá-lo (HAYWOOD, 2021).

Outro fator importante é o ambiente em que ocorre o contato, pois a interação com o felino deve acontecer em locais onde ele se sinta seguro, como dentro de sua caixa de transporte. Ao analisar o comportamento desses animais, percebe-se que alguns felinos apresentam uma postura confiante, explorando o ambiente e buscando,

principalmente, locais altos. Por outro lado, felinos mais calmos aceitam o contato humano e até petiscos, mas preferem se refugiar em ambientes onde se sintam protegidos e abrigados (RODAN et al., 2022).



Figura 19 - Encorajamento de interação entre humano e felino - Ellen Carozza, 2022.

As interações iniciadas pelo próprio gato são preferíveis, pois são as mais longas e positivas, apresentando melhores resultados em comparação com as aproximações forçadas aos felinos (TURNER, 1990). Uma vez estabelecido esse contato, é importante saber as áreas em que os gatos preferem ser tocados, buscando adaptar e respeitar a interação tátil às preferências do felino. As áreas mais apreciadas para o toque incluem a cabeça e a região do pescoço, especialmente onde se encontram as glândulas faciais produtoras de feromônios, evidenciado na Figura 20 (SOENNICHSEN, 2002; ELLIS et al., 2015).

Caso ocorra a permissão por parte do animal, massagear essas glândulas pode gerar relaxamento. Vale ressaltar que a carícia deve sempre se manter em direção ao pêlo, evitando sempre áreas como barriga e base da cauda (ELLIS et al., 2015). Portanto, é importante permitir que o gato tenha controle sobre sua posição e

movimentos durante o manuseio, resultando assim uma experiência positiva e menos estressante ao animal (MOODY et al., 2018).



Figura 20 - As glândulas faciais felinas - International Cat Care.

4.5.1 Sentidos

Os gatos possuem sentidos aguçados importantes para detectar presas e ameaças, sempre monitorando a segurança do ambiente ao seu redor (BRADSHAW, 2018; HEFFNER, 1985). Diferentemente dos humanos, os felinos percebem o mundo de maneira singular, captando informações sobre o ambiente e pessoas antes mesmo do manejo iniciar (figura 21). Por conta deste fato, seu estado emocional pode ser alterado, afetando diretamente a sua habilidade em cooperar durante a interação física.

Antes de iniciar qualquer contato, deve ser considerada a percepção sensorial felina, a fim de criar um ambiente menos estressante e mais cooperativo com o paciente. O manejo sensível aos felinos em conjunto de práticas integrativas como uso de música, cromoterapia e feromônios artificiais, se demonstrou eficiente como forma

de atenuar os malefícios advindos do estresse dos pacientes felinos durante consulta ou internamento hospitalar (ELLIS, 2009; MIRA et al., 2016; HAMPTON et al., 2020).

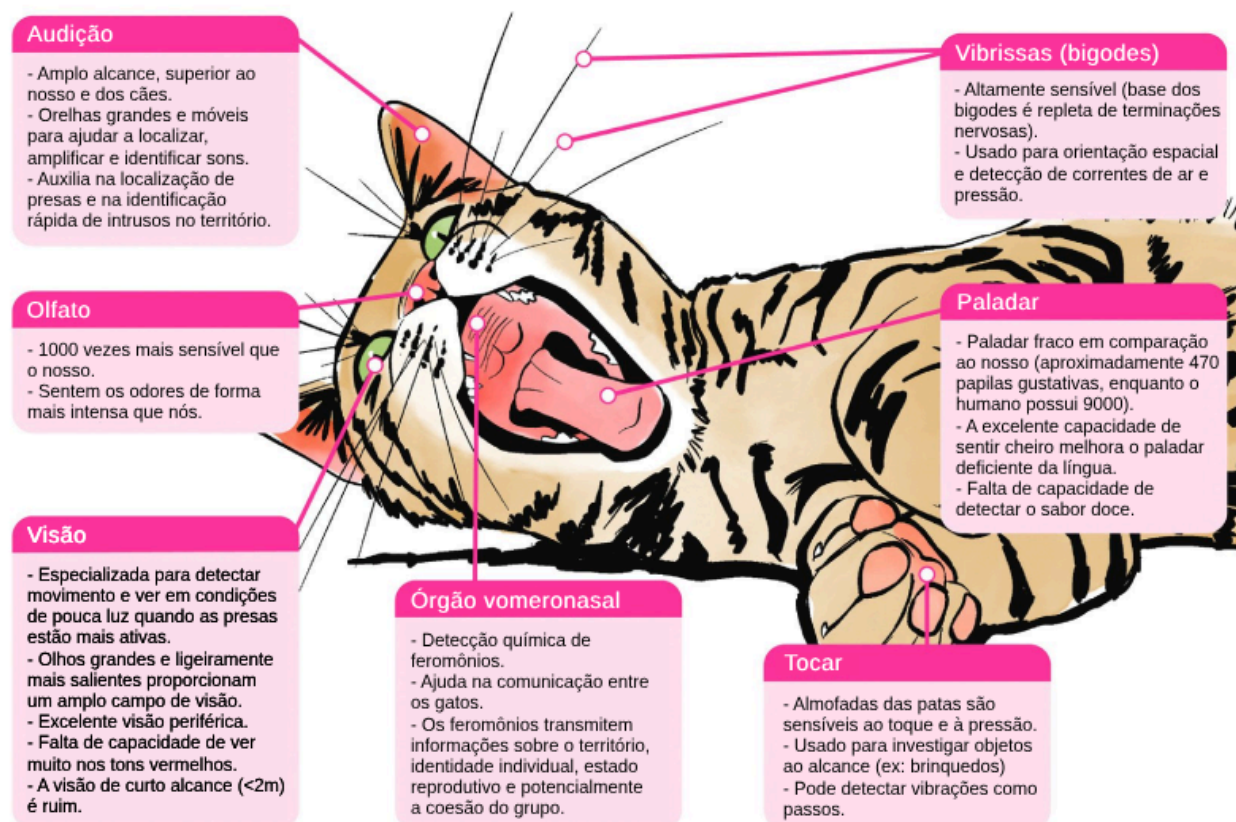


Figura 21 - Percepção felina com relação ao mundo - International Cat Care.

Os gatos são extremamente sensíveis a odores. Por este motivo, perfumes intensos e os cheiros de outros animais podem ser incômodos, sendo recomendado uso de salas de exame exclusivas para gatos. É importante a eliminação completa de odores de pacientes anteriores, levando em consideração que gatos podem deixar sinais olfativos específicos para outros felinos. Um destes sinais é o feromônio de alarme, causando um sentimento angustiante para outros gatos (HEATH, 2020).

O uso de feromônios sintéticos em difusores ou sprays auxiliam na criação de um ambiente mais confortável. Outra estratégia que pode ser aplicada em conjunto é a disponibilização de cheiros familiares, como roupas de cama e brinquedos do próprio gato, contribuindo para a sensação de segurança (VITALE, 2018; PEREIRA et al., 2016).

A consideração dos níveis de ruído é um fator relevante para o manejo felino adequado, pois, alguns sons considerados normais para humanos podem ser desafiadores e estressantes para os felinos (TAYLOR et al., 2022). Portanto, levando em consideração que os gatos demonstram maior medo e estresse em ambientes barulhentos, é necessário que o ambiente clínico seja o mais silencioso possível, evitando reações e memórias negativas ao paciente (EAGAN; GORDON, 2021; FURGALA et al., 2022).

Desta forma, a utilização de barreiras sonoras, a redução de ruídos de equipamentos e o uso de tons de voz suaves são estratégias que buscam minimizar o impacto negativo do som no comportamento felino (TAYLOR et al., 2022). Segundo Ellis (2019), a musicoterapia também pode ser uma estratégia utilizada no manejo como uma medida auxiliar na promoção do bem-estar dos gatos no ambiente de internação ou durante consultas e exames.

Os felinos podem perceber outros animais como ameaça, podendo ser causado até mesmo por imagens ou silhuetas (VITALE, 2018). Algumas medidas benéficas para o felino são evitar decoração com figuras de animais e reduzir ao máximo a movimentação dentro da sala de exame. A movimentação do profissional também pode resultar em reações por parte do paciente, os movimentos suaves e as abordagens laterais são preferíveis, justamente para evitar o medo e a frustração do felino (TAYLOR et al., 2022).

Uma interação crucial durante a abordagem com um paciente felino é a comunicação visual, uma vez que, o contato visual direto de uma pessoa desconhecida pode ser percebido como ameaçador pelo gato. Portanto, é necessário reduzir esse estímulo visual e realizar o movimento de piscadas de forma lenta em direção ao felino. Este movimento, em um ritmo desacelerado, possui maiores chances de resultar em uma minimização da tensão corporal e, conseqüentemente, na maior probabilidade de aproximação do gato ao humano (RODAN et al, 2022).

Outra especificação dos felinos é a sua visão bastante desenvolvida, principalmente para hábitos noturnos. Assim, eles possuem uma excelente visibilidade em ambientes de baixa luminosidade. Com relação a visão dos felinos, uma técnica de manejo ocorre através da cromoterapia, utilizando a luz azul. A partir deste manejo luminoso é possível proporcionar calma, sensação de acolhimento e relaxamento, estimulando um efeito análogo à analgesia. Decorrente deste efeito analgésico, ocorre a diminuição de sensações negativas no felino como ansiedade, estresse e nervosismo (MONTEIRO, 2021).

Um costume comum, durante o atendimento e realização de exames, na maioria das clínicas veterinárias é a utilização de petiscos e guloseimas para cães. Todavia, a mesma prática ainda não ocorre com tanta frequência com os pacientes felinos. O estímulo do paladar felino pode ser uma boa ferramenta para induzir emoções positivas, auxiliando no manejo do gato através de táticas como: utilização de rastro de comidas ou segurar um petisco com o intuito de atrair e guiar o movimento do felino para outro ambiente. No entanto, é importante avaliar previamente o estado emocional do paciente felino, uma vez que as emoções protetoras podem anular a motivação de comer, levando o animal a um conflito emocional. Este impasse pode criar associações emocionais negativas com a comida, atrapalhando futuros manejos (TAYLOR et al., 2022).

4.5.2 Bem-Estar Mental e Emoções felinas

Os gatos são seres emocionais que aprendem com experiências passadas. Suas memórias influenciam diretamente suas reações diante de diferentes situações, podendo resultar em respostas de medo e agressividade quando confrontados com eventos semelhantes aos de experiências negativas anteriores. Emoções e comportamentos foram desenvolvidos para proteção, esse aspecto é especialmente relevante no contexto clínico, pois é o momento em que os exames e procedimentos veterinários podem desencadear emoções protetoras, como medo e ansiedade (HEATH, 2018).

Dessa forma, a abordagem *cat-friendly* exige uma compreensão aprofundada dos estados emocionais dos felinos, permitindo interações que ofereçam uma sensação de controle ao animal durante a realização das avaliações necessárias (RODAN et al., 2022). A saúde mental dos felinos deve ser considerada tão importante quanto sua saúde física, uma vez que ambos os aspectos estão interligados. A terminologia científica para emoções, tanto positivas quanto negativas, implicam, erroneamente, que os comportamentos são bons ou ruins. Este pensamento equivocado impacta negativamente nas formas que os felinos são abordados (RODAN et al., 2022).

Assim, em 2022, Heath passou a denominar as emoções positivas como “*engaging emotions*”, ou emoções envolventes, enquanto que as negativas seriam “*protective emotions*”, ou emoções protetoras. Desta forma, as emoções envolventes são responsáveis por fazer com que o felino busque ativamente algo que seja benéfico para sua sobrevivência, como: comida, conforto e/ou atenção. Em contrapartida, as emoções protetoras são resultado de interações e ambientes ameaçadores, com o objetivo de autoproteção do animal (PANKSEPP, 1998; HEATH, 2022). Embora um estado emocional predominantemente protetor em um paciente felino possa levar a respostas comportamentais consideradas indesejáveis, o gato está respondendo às suas emoções empregando comportamentos que são projetados para protegê-los e garantir sua sobrevivência em face ao que eles percebem como uma experiência ameaçadora (RODAN et al., 2022).

Portanto, termos como “agressivo” não são interessantes no contexto do manejo felino. Esses comportamentos são chamados de respostas repelentes e têm o objetivo de aumentar a distância e diminuir a interação com uma ameaça potencial (HEATH, 2018, 2022). Logo, se faz necessário que os profissionais veterinários utilizem a terminologia que reforce a compreensão das emoções que levam às respostas comportamentais dos gatos.

As emoções envolventes podem gerar um sistema de “busca de desejo”, fazendo com os gatos se movam até locais onde encontrem recursos necessários para sua sobrevivência, como: comida, água, abrigo, entre outros. Dentro desse sistema, existem diferentes comportamentos, como: o predatório, a busca por comida ou brinquedos; o

social, busca por interação com humanos, e a exploração do ambiente, buscando conforto e abrigo (WRIGHT; PANKSEPP, 2012; RYAN et al., 2019).

As emoções protetoras mais relevantes para o comportamento felino na prática veterinária são medo, ansiedade, dor e frustração. A identificação dessas emoções, principalmente no início, minimizam a percepção de ameaça do gato, possibilitando o acionamento das emoções envolventes (ELLIS, 2018). É importante reconhecer que a dor é uma resposta sensorial e emocional que impacta na função física e bem estar emocional do paciente (ROBERTSON et al., 2018; REID, 2013). Decorrente desta resposta, o felino também pode apresentar respostas de medo e ansiedade, por compartilharem o mesmo sistema emocional com a dor. Portanto, um animal com dor pode aumentar as emoções de medo ou ansiedade, enquanto que um animal com medo ou ansioso pode se tornar mais perceptível a dor (PANKSEPP, 1998; ELLIS, 2018; HEATH, 2020).

Nestes momentos, o uso de ansiolíticos é uma prática eficaz na redução do medo e ansiedade, e a administração analgésica adicional se faz importante se também houver dor aguda ou crônica. As respostas às emoções protetoras ocorrem de forma individual e baseadas no contexto atual e em experiências anteriores. As principais respostas a essas emoções são de apaziguamento (animal submisso buscando reduzir ameaça), inibição (imóvel, buscando minimizar sua exposição), evitação (afastando estímulos estressantes) e repulsão (vocalização e ataque), sendo as três últimas as mais importantes no contexto da experiência veterinária.

De acordo com Rodan et al (2022), a inibição é uma resposta passiva e geralmente não é reconhecida pelas pessoas que interagem com o felino, logo, pode não ter sucesso em tentar proteger o gato da ameaça percebida. Desta forma, o animal permanece em estado emocional protetor, recorrendo a outras respostas como a evitação, tentando escapar e/ou repelir a ameaça percebida através de vocalização ou ataque. Portanto, é importante reconhecer essas respostas a fim de tornar os exames e procedimentos mais fáceis de serem concluídos, minimizando estresse e riscos de ferimentos tanto para o gato quanto para o profissional (HAMMERLE et al., 2015).

Quando o paciente felino não consegue ter sucesso em responder às emoções protetoras ou envolventes, eles se frustram pela incapacidade de se proteger (emoção protetiva) ou por não atingir a expectativa, como receber um petisco (emoção envolvente). Buscando tentar resolver estas emoções, uma resposta de medo e ansiedade pode ser desencadeada no animal. A sensação de não estar no controle é um forte causador de frustração, principalmente nos casos de contenção rígida ou remoção abrupta de sua caixa de transporte (PANKSEPP et al., 2014).

A frustração leva a respostas intensas e rápidas, resultando a comportamentos conflituosos como ataques e vocalização. Mesmo em ambientes sensíveis a felinos, emoções protetivas podem ser desencadeadas. Contudo, fornecer a capacidade de expressar essas emoções com sucesso, como se esconder ou com auxílio de ansiolíticos, são importantes para evitar a frustração do paciente felino e acarretar um manejo mais amigável, fácil e menos estressante (RODAN et al., 2022).

4.6 Manejo *Cat-Friendly* e a Importância da Medicina Veterinária sensível ao bem-estar felino.

O conceito de manejo *cat-friendly* visa melhorar a experiência dos felinos durante as visitas veterinárias trabalhando cooperativamente com o paciente, promovendo o bem-estar e reduzindo o estresse. As interações amigáveis aos felinos envolvem considerar a saúde emocional e cognitiva desde antes da saída do animal do lar até sua chegada à clínica veterinária. É importante considerar a primeira experiência de um animal jovem com profissionais veterinários, uma vez que pode impactar para sempre a sua vida. Uma experiência negativa a filhotes de gatos pode desenvolver, a longo prazo, medo e ansiedade crônica (LLOYD, 2017).

Abordagens positivas e respeitosas geram maior segurança para os humanos, melhores respostas dos gatos em consultas futuras, maior eficiência no atendimento com tempos de exame reduzidos e menor necessidade de equipe envolvida (BATESON, 2019; RODAN et al., 2020; WESTROPP et al., 2016). Por conta disso, as práticas *cat-friendly* são associadas a um aumento na frequência de visitas veterinárias e um percentual maior de pacientes felinos atendidos em clínicas especializadas, com uma taxa 30% superior em relação a clínicas não especializadas (AAFP, 2021).

A adoção desse manejo também possibilita a realização de exames mais precisos, evitando alterações induzidas pelo estresse, como variações na frequência cardíaca e respiratória, temperatura corporal e tamanho das pupilas (GRIGG et al., 2022). Testes laboratoriais, como glicemia e pressão arterial, também apresentam maior precisão, uma vez que estresse pode influenciar seus resultados, causando elevações artificiais nos níveis de glicose e alterações no pH urinário.

Essas mudanças ocorrem principalmente devido à hiperventilação causada pelas emoções negativas no felino (TAYLOR et al., 2010; SPARKES et al., 2018). Assim, o estresse agudo também pode levar a alterações hematológicas, como leucocitose, eosinofilia e linfocitose (FAM et al., 2010), enquanto o estresse crônico aumenta a susceptibilidade a doenças respiratórias, distúrbios urinários e transtornos alimentares (CONTRERAS et al., 2021).

O bem-estar animal, em todos os âmbitos (físicos, mentais, sociais e ambientais) é responsabilidade do médico veterinário, sendo também a garantia da saúde integral dos animais (WSAVA, 2019). No entanto, os tutores também podem desempenhar um papel positivo na saúde de seus felinos. Essa afirmação é comprovada ao observar que tutores que consideram seus gatos parte da família tendem a seguir melhor as recomendações veterinárias, resultando em consultas regulares e na aplicação do manejo e bem-estar do paciente felino desde o ambiente domiciliar até a clínica (RODAN et al., 2022).

4.6.1 Preparo do Animal e Ida a Clínica

O estresse felino pode ter origem antes mesmo da chegada à clínica veterinária, podendo ocorrer através de diversos fatores, aos quais são: medo; dor; frustração associada à falta de controle ao entrar na caixa de transporte; sensação de confinamento; instabilidade da caixa e movimentos durante o trajeto e a própria experiência do transporte. Quando os tutores não recebem instruções sobre o uso adequado da caixa de transporte e sobre a viagem até a clínica, suas interações ao colocar o gato na caixa e durante o transporte podem agravar ainda mais o estresse antes mesmo da chegada ao veterinário. A educação dos tutores é essencial para

minimizar a ansiedade e proporcionar um plano de preparação adequado antes da consulta veterinária (RODAN et al., 2022).

Logo, pode ser passado para os tutores informações sobre a escolha da caixa de transporte, possíveis medicações, como realizar treinamento para viagens mais tranquilas e até pequenas simulações de exames em casa. Outras orientações importantes envolvem algumas dicas práticas, como levar itens familiares do gato para a consulta e manter uma linguagem corporal relaxada (MILLS et al., 2023).

A preparação dos tutores para a consulta veterinária desempenha um papel essencial na redução do estresse felino. Muitos tutores sentem ansiedade ao levar seus gatos à clínica, por alguns motivos diferentes como o comportamento do animal, o receio de um diagnóstico inesperado ou pelo impacto na relação com o pet. Como os gatos são capazes de perceber emoções humanas e ajustar seu comportamento de acordo com elas, a educação dos tutores abordando técnicas para o transporte pode minimizar tanto a ansiedade dos tutores quanto o estresse dos felinos (QUARANTA et al., 2020). Muitos cuidadores sentem vergonha quando o animal apresenta comportamento de proteção durante o manejo ou acabam se sentindo frustrados quando o procedimento é adiado. Portanto, é necessário educar esses tutores sobre formas de amenizar esses comportamentos.

O treinamento para o uso da caixa de transporte é uma estratégia eficaz para reduzir o estresse felino e melhorar a experiência na clínica. Ensinar os gatos a entrarem voluntariamente na caixa e a viajarem de forma tranquila por meio de reforço positivo, como a utilização de petiscos, é uma boa estratégia. Desta forma, a prática é associada a emoções mais positivas, decorrentes da busca por recompensas alimentares durante a consulta, impactando na redução significativa do tempo de exames (PRASTCH, MOHR; PALME, 2018).

A modificação comportamental com reforço positivo demonstra excelentes resultados, porém, existem outras opções de manejo. Uma opção adicional é preparar a caixa de transporte coberta e o carro com feromônios felinos sintéticos 15 minutos antes da viagem (RODAN et al., 2022). Dessa forma, a experiência dos gatos com a caixa de transporte e a viagem é melhorada, gerando menos estresse. Além disso, o

uso de ansiolíticos pré-visita, como a gabapentina, pode ser indicado para gatos medrosos e ansiosos reduzindo sinais de estresse durante o transporte e a consulta (STEAGALL et al., 2023).

A farmacoterapia pode ser uma aliada importante na redução do estresse antes da consulta, principalmente em animais com histórico de experiências negativas ou temperamento altamente ansioso (ROGAN et al., 2022). Porém, o uso de fármacos não substituem as modificações positivas para minimizar o sofrimento durante interações felinas, logo, devem ser usados concomitantemente quando indicado. A WSAVA disponibiliza um padrão seguro para utilização ideal de fármacos com efeito sedativo ou ansiolíticos (Figura 22). A gabapentina é um excelente ansiolítico felino devido a sua segurança e suas diferentes funções, as quais são: reduzir o sofrimento durante o exame; minimizar o estresse do felino no transporte e aumentar a capacidade de realizar um exame completo e mais seguro (KRUSZKA et al., 2021; PANKRATZ et al., 2018; LAMMINEN et al., 2021).

Pankratz (2018) afirmou que é possível observar menores pontuações de estresse entre duas e três horas após a administração de gabapentina, utilizando a dose de 20 mg/kg ou 100 a 200 mg por gato. Por se tratar de um medicamento totalmente excretado por via renal, é necessário ministrar uma dose 50% das mais baixas em pacientes felinos com função renal reduzida (KRUSZKA et al., 2021; QUIMBY et al., 2022). É importante notar que os gatos podem apresentar-se atáxicos após a gabapentina, sendo necessário mantê-los sob observação por pelo menos oito horas, evitando assim acidentes com quedas.

Em alguns casos, a associação com outras medicações, como pregabalina ou trazodona, pode ser recomendada (RODAN et al., 2023). A pregabalina, em doses de 5mg/kg e 10mg/kg diminui sinais de ansiedade e medos associados ao transporte de carro (LAMMINEN et al., 2021). A trazodona possui efeito sedativo, possibilitando sua utilização como agente único ou associado a gabapentina. Em casos de animais com histórico de sinais de enjoo, como lamber os lábios, babar ou vomitar durante o transporte, recomenda-se um período de jejum de duas a três horas antes da viagem. Além disso, a administração do maropitant quatro horas antes pode ser benéfica,

podendo ser usado em conjunto com ansiolíticos (RODAN et al., 2022). O planejamento adequado do uso dessas medicações, com registro no prontuário do animal, contribui para um atendimento mais individualizado e eficiente, promovendo experiências mais positivas para gatos e tutores.

Tabela 1 Exemplos de sedativos e ansiolíticos que podem ser usados antes do atendimento veterinário				
Fármaco	Dose (VO)	Tempo de Administração	Indicação	Efeito Adverso
Gabapentina ⁷⁷⁻⁸¹	100-200mg/gato ou 20mg/kg *Usar doses menores em pequenos pacientes ou animais com DRC, debilitação ou fragilidade	2-3h antes do primeiro estressor (ex: caixa de transporte, carro ou chega ao consultório, se baseando em gatilhos individuais)	Aliviar medo-ansiedade e aumentar a colaboração com o exame. Reduzir comportamentos protetores	Sedação Ataxia Salivação (raro) Vômito(raro)
Trazodona ^{68, 81, 82}	50-100mg/gato ou 10mg/kg	60-90 minutos antes do primeiro estressor	Menos evidências de uso. Se necessário, usar em combinação com gabapentina. Aliviar medo-ansiedade, e aumenta colaboração durante exame. Reduzir comportamentos protetores	Sedação
DRC= Doença Renal Crônica; VO= Via Oral				

Figura 22 - Exemplo de fármacos e o uso veterinário - Adaptado de RODAN.

4.6.2 Aproximação de felinos

Durante a aproximação de um felino, é essencial observar seu estado emocional antes de qualquer interação. Conhecer o histórico comportamental do gato pode ser útil, mas cada encontro requer uma avaliação individual do seu estado emocional no momento (SMITH et al., 2020). Em um ambiente clínico, permitir que o gato saia da caixa de transporte por conta própria e explore o espaço ajuda a reduzir a sensação de ameaça e confinamento (BROWN; JOHNSON, 2019). O mesmo princípio se aplica a gatos hospitalizados, onde a abertura gradual da gaiola pode incentivá-los a se aproximar sem força ou pressão. A interação inicial deve ser explicada ao tutor e outros membros da equipe, pedindo que evitem contato direto com o gato até que ele decida se aproximar (MILLER, 2018).

Durante esse tempo de adaptação do felino ao ambiente, pode-se coletar informações sobre seu histórico médico e comportamental. O tom utilizado durante o falar também pode ser uma maneira de ajudar a tranquilizar não apenas os humanos presentes, mas também o próprio gato (WHITE; TAYLOR, 2021). É importante permitir

que o animal mantenha uma opção de esconderijo, pois isso lhe proporciona uma estratégia de enfrentamento contra o estresse (JONES et al., 2022).

Posicionar-se no mesmo nível do gato e evitar movimentos bruscos são medidas que minimizam o estresse (ADAMS; CLARK, 2020). Evitar contato visual direto, piscar lentamente e estender uma mão relaxada são técnicas que podem encorajar o gato a investigar e iniciar o contato (WILSON, 2019). Caso o felino esteja dentro da caixa de transporte e não queira sair, pode-se remover a parte superior para facilitar o exame sem forçá-lo a sair completamente (DAVIS et al., 2021). Caso a caixa não possua essa remoção, uma tática utilizada é deslizar o animal gentilmente sobre um tecido, facilitando a transição do animal para fora. Assim como citado anteriormente, a interação física deve começar com a massagem das glândulas faciais por alguns segundos, sempre observando a resposta do gato (THOMPSON; LEE, 2017).

Caso o felino aceite esse contato, pode-se continuar a manipulação respeitando seus limites, fornecendo sempre a sensação de controle ao paciente. O uso de técnicas como apertar a cernelha, conhecido como “*scruffing*”, a utilização de cliques ou a restrição total corporal, resultam em restrições pesadas e podem desencadear emoções protetoras e frustração (Figura 24). Visto que é necessário evitar estas reações negativas, a forma ideal de realizar o atendimento e os exames é através da contenção mínima (Figura 23) (MOODY et al., 2018; MOODY; DEWEY; NIEL, 2020; MOODY; MASON ; DEWEY, 2020).

Para movimentar o paciente, deve-se garantir que suas quatro patas estejam em contato com uma superfície firme, proporcionando segurança ao felino (PARKER, 2020). Quando possível, a participação do tutor pode ajudar na movimentação do gato, desde que realizada de forma cuidadosa (EVANS et al., 2019).

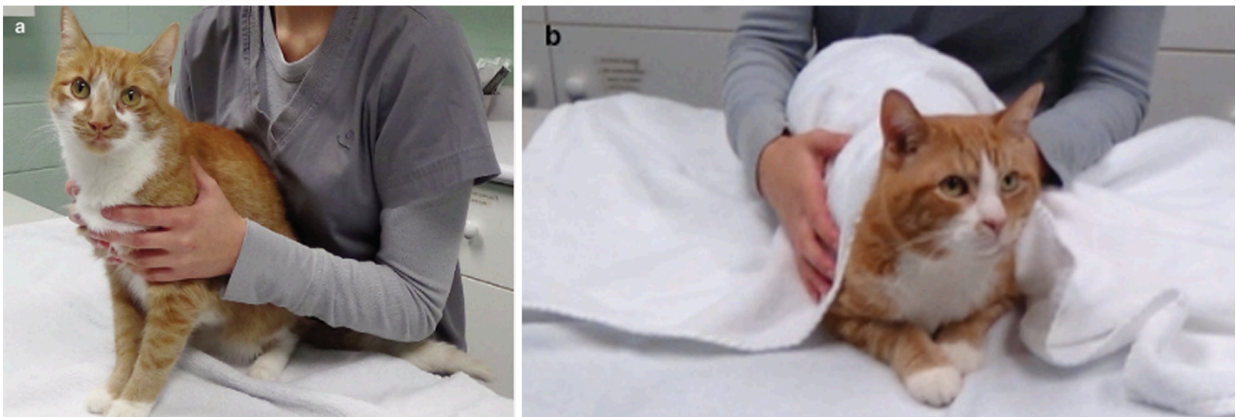


Figura 23 - Manejo utilizando mínima contenção permitindo que o gato sente, deite, fique em pé ou mova os membros - Adaptado de RODAN.



Figura 24 - Manejo incorreto, utilizando *scruffing*, cliques e contenção total do corpo. Gatos manejados desta forma são menos propensos a cooperarem - Adaptado de RODAN.

Durante o exame, é fundamental interpretar a linguagem corporal do gato (Figura 25) para ajustar a abordagem necessária. Um felino relaxado e receptivo pode permitir a realização do exame sem grande resistência. Porém, com um gato que apresente comportamentos protetivos, a abordagem deve ocorrer com o auxílio de táticas como disponibilizar opções de esconderijo ou, se necessário, pode-se considerar reagendar a consulta e indicar a administração prévia de ansiolíticos (MITCHELL; BAKER, 2021).

Se não houver a possibilidade de adiamento, o uso de contenção química pode ser indicado, garantindo também analgesia para os animais que apresentem sinais de dor durante o momento de estresse (ANDERSON et al., 2018). A frustração de gatos confinados pode ser um dos principais vilões presentes no atendimento de felinos. Portanto, é necessário que o médico veterinário entenda como reduzir o impacto desta emoção negativa, podendo ser minimizada ao permitir que o gato tenha um tempo de exploração, com a oferta de esconderijos, no ambiente antes da realização dos exames da consulta (RODRIGUEZ; CARTER, 2022).

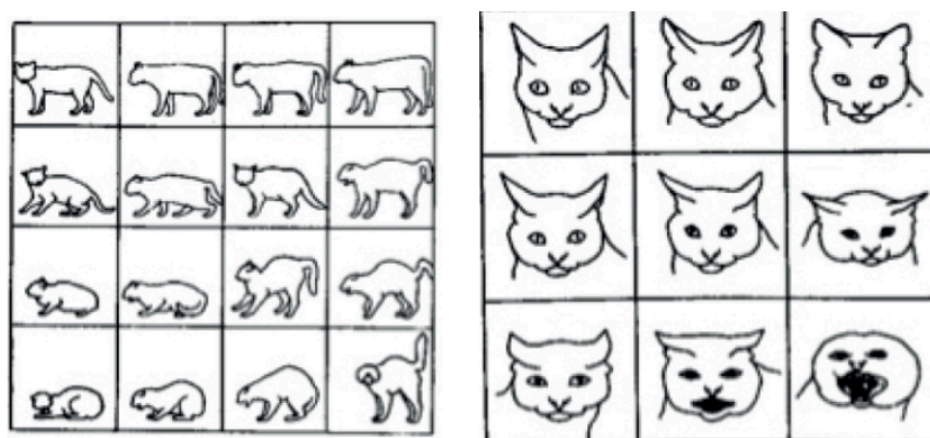


Figura 25 - Linguagem felino - WSAVA, 2015.

A interação clínica do veterinário com os pacientes felinos é um processo dinâmico, exigindo uma adaptação constante da equipe profissional responsável por manejar estes animais. Monitorar, continuamente, a linguagem corporal do gato é essencial para bons resultados no atendimento, pois o estado emocional de pacientes felinos pode sofrer rápidas mudanças. Desta forma, é possível a reação e tomada de decisões por parte do veterinário, para um manejo ideal e condução assertiva do atendimento, buscando minimizar os efeitos negativos em seus pacientes felinos (STEVENS, 2020).

Além do estresse causado no paciente e das possíveis alterações nos resultados dos exames, caso a fonte do medo não seja eliminada ou se o manuseio do paciente não for adequado, os gatos inibidos também podem apresentar um comportamento mais arisco (HARRIS et al., 2019), dificultando o atendimento e podendo resultar em

ferimentos, que poderiam ser evitados, ao profissional da veterinária. Portanto, manter consistência nos cuidados com o paciente felino e permitir pausas durante o exame, são estratégias disponíveis que favorecem uma abordagem mais amigável e eficaz para os felinos.

4.6.3 Gatos Hiperreativos, Ferais e de Rua

O comportamento desafiador ou protetor de gatos durante a rotina clínica é associado a estados emocionais intensificados de medo, dor, ansiedade ou frustração. Por conta destas emoções, é sempre importante avaliar o histórico do paciente, buscando entender a origem destes comportamentos, podendo ser resultado de respostas por experiências anteriores (TAYLOR et al., 2002). A partir deste entendimento com relação ao paciente, é possível que o veterinário responsável pelo atendimento possa selecionar a melhor forma de manejar o atendimento deste animal, minimizando os efeitos causados pelas experiências anteriores do felino.

O comportamento reativo do paciente também pode estar associado à dor, aguda ou crônica, e sua avaliação deve ser aprofundada através de analgesia e monitoramento de comportamento após tratamento (ENOMOTO; LASCELLES; GRUEN, 2020; EVANGELISTA et al., 2019; BELLI et al., 2021). Além do entendimento do paciente, o ato de proporcionar um ambiente amigável e seguir princípios de interação cuidadosa e positiva também é responsável por reduzir a reatividade desses gatos em consultas futuras, em vez de intensificar seus comportamentos defensivos (RODAN et al., 2022).

Contudo, a sedação de gatos protetivos pode ser necessária para a realização de procedimentos, como exames físicos e coleta de sangue, reduzindo o estresse futuro e aumentando a segurança da equipe veterinária (LASCELLES; HENRY; BROWN, 2010). O ideal é que fármacos ansiolíticos tenham sido prescritos previamente ou que o procedimento seja remarcado. Todavia, quando o adiamento do procedimento não é possível, a escolha de sedativos e analgésicos atua priorizando na segurança do gato, minimizando efeitos adversos e o volume da injeção. As interações compatíveis

aos pacientes felinos reativos podem ser observadas no esquema na figura 26 (RODAN et al., 2022):

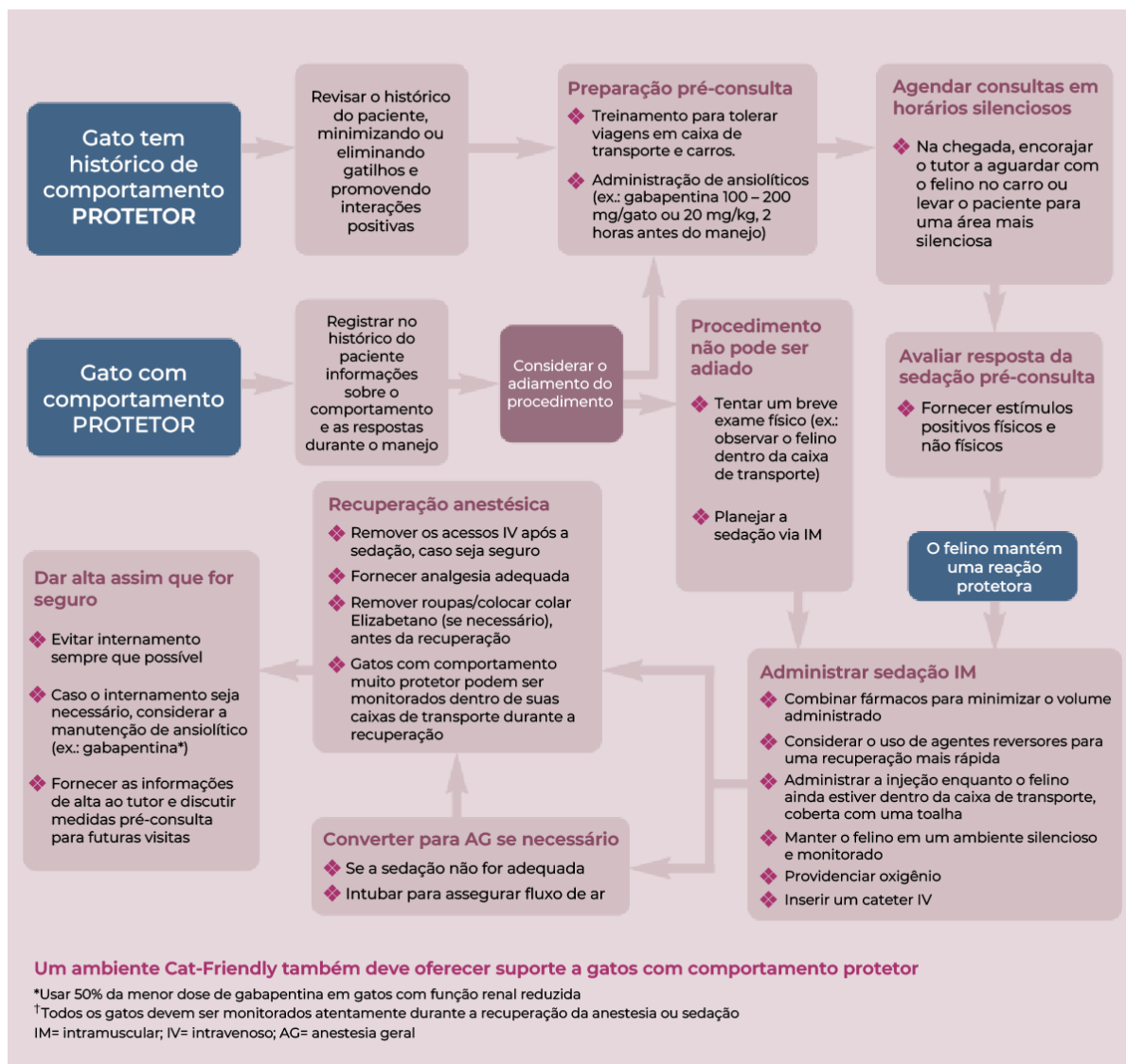


Figura 26 - Esquema para o suporte de gatos com comportamento protetor - Adaptado de RODAN.

No entanto, quando se lida com gatos ferais ou comunitários, é importante evitar o manuseio físico direto se os animais não estiverem sedados ou anestesiados. Esses gatos devem ser mantidos em áreas de pré e pós-sedação que sejam aquecidas, silenciosas e com pouca iluminação, com o intuito de minimizar estímulos e reduzir o estresse desses animais. O auxílio de grupos de resgate ou instituições (ONGs) pode garantir que os gatos sejam transportados de forma adequada, utilizando armadilhas de

aramé, caixas de contenção ou de transporte com abertura lateral. Vale ressaltar que, com relação às caixas de transporte, é fundamental mantê-las sempre cobertas para reduzir a estimulação visual.

Segundo Rodan et al(2022), em situações de necessidade para transferir os gatos entre caixas diferentes, deve-se levar em conta o comportamento dos felinos em buscar locais ocultos. Assim, a gaiola de destino deve ser coberta, enquanto a gaiola de saída deve ser descoberta para incentivar a movimentação voluntária do gato. Sempre que possível, o gato deve permanecer na mesma caixa de transporte durante todo o procedimento, reduzindo o risco de disseminação de doenças e minimizando a mistura de odores entre os animais. A administração de sedação intramuscular pode ser feita utilizando gaiolas de contenção ou dispositivos para imobilizar o gato contra a lateral da gaiola. No entanto, essa contenção deve ser realizada de forma lenta e cuidadosa, nunca de maneira brusca ou agressiva, para minimizar o estresse do animal. Após o procedimento, sempre que possível, os sedativos devem ser revertidos para reduzir o risco de hipotermia. O gato deve se recuperar dentro da mesma caixa de transporte na qual será devolvido, preferencialmente um modelo com abertura lateral para facilitar a liberação segura e rápida.

4.7 Conclusão

A adoção do manejo *cat-friendly* na prática veterinária é essencial para garantir o bem-estar felino, reduzindo o estresse e promovendo um atendimento mais eficiente e humanizado. Veterinários e suas equipes têm o dever profissional de compreender e atender às necessidades físicas, emocionais e cognitivas dos gatos em todas as fases da vida, além de educar os tutores para proporcionar experiências positivas e minimizar emoções negativas. Essa abordagem traz benefícios significativos, como maior segurança para humanos e felinos, consultas mais ágeis e eficazes, exames mais precisos e um aumento na frequência das visitas veterinárias. Além de melhorar a qualidade do atendimento e a satisfação dos tutores, o manejo *cat-friendly* fortalece a dinâmica da equipe e gera impactos positivos na saúde, comportamento e longevidade dos gatos, tornando-se um investimento essencial para o futuro da medicina veterinária felina.

5. Considerações Finais

O Estágio Supervisionado Obrigatório é essencial para a formação profissional por proporcionar experiências práticas necessárias para a rotina do médico veterinário. O período de estágio possibilita a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, favorecendo um aperfeiçoamento das habilidades essenciais para a prática clínica.

Um aspecto a ser destacado é o aprendizado sobre o manejo felino, devido a existência das particularidades do determinado animal que exigem abordagens diferenciadas. A capacitação para lidar com felinos de forma segura e respeitosa permite uma maior qualidade de atendimento e minimiza o estresse desses animais. Além deste fator, o ESO também reforça a conexão entre diferentes áreas da medicina veterinária, evidenciando a importância do trabalho em equipe e a presença da ética com os pacientes e tutores.

Portanto, é inegável que a vivência prática é um pilar crucial para a formação do profissional, tornando-o mais capacitado e comprometido com o bem-estar animal e com a profissionalização e valorização do mercado de trabalho.

6. Referências

ABINPET. Mercado PET BRASIL 2022. 2022. Disponível em: https://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2022/11/abinpet_folder_dados_mercado_2022_draft4_web.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

ADAMS, R.; CLARK, P. Feline behavior and stress management. *Journal of Veterinary Behavior*, v. 35, p. 12-19, 2020.

AHOLA, M. K.; VAPALAHTI, K.; LOHI, H. Early weaning increases aggression and stereotypic behaviour in cats. *Scientific Reports*, v. 7, p. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-017-11173-5>.

AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS (AAFP). Cat Friendly Practice Program reduces the risk of injury. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, p. 676–677, 2022.

ANDERSON, K.; BROWN, J.; CARTER, L. Pain management in cats: Best practices. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 48, n. 6, p. 1091-1105, 2018.

ARGÜELLES, J.; ECHANIZ, M.; BOWEN, J. et al. The impact of a stress-reducing protocol on the quality of pre-anaesthesia in cats. *Veterinary Record*, v. 188, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/vetr.138>.

BELLI, M. et al. Clinical validation of the short and long UNESP-Botucatu scales for feline pain assessment. *PeerJ*, v. 9, 2021. DOI: <10.7717/peerj.11225>.

BLANCO, G. Sagrados e malditos. *Superinteressante*, 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/sagrados-e-malditos/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour: ... and why problem behaviours develop. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, p. 411–421, 2018.

BROWN, J. F.; TAYLOR, S. S.; WILSON, A. M. et al. Comparison of cat-related human injury rates in ISFM Cat Friendly accredited clinics and non-accredited clinics. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 23, p. 855–856, 2021.

BUFFINGTON, C. A.; CHEW, D. J. Intermittent alkaline urine in a cat fed an acidifying diet. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 209, p. 103–104, 1996.

CAMERON-BEAUMONT, C. *Visual and tactile stimulation in the domestic cat (Felis silvestris catus) and undomesticated small felids*. PhD Thesis – University of Southampton, UK, 1997.

CANEY, S. M. A.; ROBINSON, N. J.; GUNN-MOORE, D. A.; et al. Happy cats: stress in cats and their carers associated with outpatient visits to the clinic. *J Feline Med Surg*, v. 24, 2022. DOI: 10.1177/1098612X221121907.

CARLSTEAD, K.; BROWN, J. L.; STRAWN, W. Behavioral and physiological correlates of stress in laboratory cats. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 38, p. 143–158, 1993.

CARNEY, H. C. et al. *Cat Friendly Veterinary Environment Guidelines*. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2023.

DAWSON, L. C.; DEWEY, C. E.; STONE, E. A.; et al. A survey of animal welfare experts and practicing veterinarians to identify and explore key factors thought to influence canine and feline welfare in relation to veterinary care. *Anim Welf*, v. 25, p. 125–134, 2016.

DAVIS, H.; WILSON, F.; PARKER, J. Handling and restraint of cats: A modern approach. *Companion Animal Journal*, v. 26, n. 3, p. 18-24, 2021.

DELGADO, M.; WATCHER, I.; BUFFINGTON, T. A survey-based assessment of risk factors for cross-sucking behaviors in neonatal kittens (*Felis catus*). *Applied Animal Behaviour Science*, v. 230, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2020.105069>.

EAGAN, B.; GORDON, E. F. D. The effect of animal shelter sound on cat behavior and welfare. *Animal Welfare*, v. 30, p. 431–440, 2021.

ELLIS, S. L. H. *Recognising and assessing feline emotions during the consultation: history, body language and behaviour*. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, p. 445–456, 2018.

ENOMOTO, M.; LASCELLES, B. d. X.; GRUEN, M. E. *Development of a checklist for the detection of degenerative joint disease-associated pain in cats.* Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 22, p. 1137–1147, 2020.

EVANGELISTA, M. C. et al. *Facial expressions of pain in cats: the development and validation of a Feline Grimace Scale.* Scientific Reports, v. 9, 2019. DOI: 10.1038/s41598-019-55693-8.

FELDMAN BARRETT, L.; RUSSEL, J. The structure of current affect: controversies and emerging consensus. Current Directions in Psychological Science, v. 8, 1999. doi: 10.1111/1467-8721.00003.

FISER, S.; DORÉ, F. Y. Duration of cats' (*Felis catus*) working memory for disappearing objects. Animal Cognition, v. 9, p. 62–70, 2006.

FURGALA, N. M.; MOODY, C. M.; FLINT, H. E.; et al. Veterinary background noise elicits fear responses in cats while freely moving in a confined space and during an examination. Behavioural Processes, v. 201, 2022. DOI: 10.1016/j.beproc.2022.104712.

GLARDON, O. J.; HARTNACK, S.; HORISBERGER, L. CLU analysis of behavior of dogs and cats during physical examination in veterinary practice [em francês]. Schweiz Arch Tierheilkd, v. 152, p. 1102–1107, 2010.

GRUEN, M. E.; THOMSON, A. E.; CLARY, G. P. et al. Conditioning laboratory cats to handling and transport. Lab Animal (NY), v. 42, p. 385–389, 2013.

GURNEY, M.; GOWER, L. Randomised clinical trial evaluating the effect of a single preappointment dose of gabapentin on signs of stress in hyperthyroid cats. Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 24, p. e85–e89, 2022. DOI: 10.1177/1098612X221091736.

HAMMERLE, M.; HORST, C.; LEVINE, E. et al. 2015 AAHA canine and feline behavior management guidelines. Journal of the American Animal Hospital Association, v. 51, p. 205–221, 2015.

HARRIS, L.; MITCHELL, P.; BAKER, D. Recognizing feline distress: Guidelines for veterinary professionals. *Journal of Animal Welfare*, v. 40, p. 78-92, 2019.

HEATH, S. Understanding feline emotions: ... and their role in problem behaviours. *J Feline Med Surg*, v. 20, p. 437–444, 2018.

HEATH, S. Environment and feline health: at home and in the clinic. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 50, p. 663–693, 2020.

HEFFNER, R. S.; HEFFNER, H. E. Hearing range of the domestic cat. *Hearing Research*, v. 19, p. 85–88, 1985.

JFMS – JOURNAL OF FELINE MEDICINE AND SURGERY. AAFP position statement general principles of feline well-being. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1098612X211051608>. Acesso em: 04 de out. de 2024.

JFMS – JOURNAL OF FELINE MEDICINE AND SUGERY. 10 years of cat friendly. 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1098612X221118762>. Acesso em: 04 de out. de 2024.

JONES, M.; THOMPSON, G.; LEE, H. Coping mechanisms in domestic cats. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 250, p. 104849, 2022.

KARN-BUEHLER, J.; KUHNE, F. Perception of stress in cats by German cat owners and influencing factors regarding veterinary care. *J Feline Med Surg*, v. 24, p. 700–708, 2022.

KRUSZKA, M. et al. Clinical evaluation of the effects of a single oral dose of gabapentin on fear-based aggressive behaviors in cats during veterinary examinations. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 259, p. 1285–1291, 2021.

LAMMINEN, T. et al. Efficacy of a single dose of pregabalin on signs of anxiety in cats during transportation – a pilot study. *Frontiers in Veterinary Science*, v. 8, 2021. DOI: 10.3389/fvets.2021.711816.

LASCELLES, B. d. X. et al. Cross-sectional study of the prevalence of radiographic degenerative joint disease in domesticated cats. *Veterinary Surgery*, v. 39, p. 535–544, 2010.

LLOYD, J. K. F. Minimising stress for patients in the veterinary hospital: why it is important and what can be done about it. *Vet Sci*, v. 4, 2017. DOI: 10.3390/vetsci4020022.

MARITI, C.; BOWEN, J. E.; CAMPA, S.; et al. Guardians' perceptions of cats' welfare and behavior regarding visiting veterinary clinics. *J Appl Anim Welf Sci*, v. 19, p. 375–384, 2016.

MILLS, D. S. What are stress and distress, and what emotions are involved? In: SPARKES, A. H.; ELLIS, S. L. H. (eds.). *iSFM guide to feline stress and health*. Tisbury, UK: International Society of Feline Medicine, 2016. p. 7–18.

MITCHELL, P.; BAKER, D. Anxiolytic administration prior to veterinary visits. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 23, n. 7, p. 845-852, 2021.

MOODY, C. M.; DEWEY, C.; NIEL, L. Cross-sectional survey of cat handling practices in veterinary clinics throughout Canada and the United States. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 256, 2020. doi: 10.2460/javma.256.9.1020.

MOODY, C. M.; MASON, G. J.; DEWEY, C. E. et al. Getting a grip: cats respond negatively to scruffing and clips. *Veterinary Record*, v. 186, 2020. doi: 10.1136/vr.105261.

MOODY, C. M.; PICKETTS, V. A.; MASON, G. J.; et al. Can you handle it? Validating negative responses to restraint in cats. *Appl Anim Behav Sci*, v. 204, p. 94–100, 2018.

MONTEIRO, B. P. Feline chronic pain and osteoarthritis. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*, v. 50, p. 769–788, 2020.

OGATA, N. Feline body language and environmental enrichment. *World Small Animal Veterinary Association World Congress Proceedings*, 2015. Disponível em:

<https://www.vin.com/apputil/content/defaultadv1.aspx?pId=14365&catId=73675&id=7259305&ind=22&objTypeID=17>. Acesso em: 12 out. 2024.

PANKRATZ, K. E. et al. Use of single-dose oral gabapentin to attenuate fear responses in cage-trap confined community cats: a double-blind, placebo-controlled field trial. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, p. 535–543, 2018.

PEREIRA, J. S.; FRAGOSO, S.; BECK, A.; et al. Improving the feline veterinary consultation: the usefulness of Feliway spray in reducing cats' stress. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 18, p. 959–964, 2016.

PRATSCH, L.; MOHR, N.; PALME, R.; et al. Carrier training cats reduces stress on transport to a veterinary practice. *Appl Anim Behav Sci*, v. 206, p. 64–74, 2018.

QUARANTA, A.; D'INGEO, S.; AMORUSO, R. et al. Emotion recognition in cats. *Animals*, v. 10, 2020. doi: 10.3390/ani10071107.

QUIMBY, J. M. et al. Serum concentrations of gabapentin in cats with chronic kidney disease. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 23 fev. 2022. Epub ahead of print. DOI: 10.1177/1098612X221077017.

REID, J.; SCOTT, M.; NOLAN, A. et al. Pain assessment in animals. *In Practice*, v. 34, p. 3–5, 2013.

ROBERTSON, S. A.; GOGOLSKI, S. M.; PASCOE, P. et al. AAFP feline anesthesia guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, p. 602–634, 2018.

RODAN, I.; DOWGRAY, N.; CARNEY, H. C.; et al. AAFP/ISFM Cat Friendly Veterinary Interaction Guidelines, Approach and Handling Techniques. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2022.

RUSSELL, J. Core affect and the psychological construction of emotion. *Psychological Review*, v. 110, p. 145–172, 2003.

RYAN, S.; BACON, H.; ENDENBURG, N. et al. WSAVA animal welfare guidelines. *Journal of Small Animal Practice*, v. 60, 2019. doi: 10.1111/jsap.12998.

STRACK, A. MANEJO AMIGÁVEL DE FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

TAKAGI, S.; TSUZUKI, M.; CHIJIWA, H.; et al. Use of incidentally encoded memory from a single experience in cats. *Behav Processes*, v. 141, p. 267–272, 2017.

TAYLOR, S.; St DENIS, K.; COLLINS, S.; et al. ISFM/AAFP Cat Friendly Veterinary Environment Guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2022.

VITALE, K. R. Tools for managing feline problem behaviors: pheromone therapy. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, p. 1024–1032, 2018.

VITALE SHREVE, K. R.; UDELL, M. A. R. What's inside your cat's head? A review of cat (*Felis silvestris catus*) cognition research past, present and future. *Anim Cogn*, v. 18, p. 1195–1206, 2015.